



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
– FATECS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO  
ÁREA: JORNALISMO ESPORTIVO

**Jornalismo e deficiência**  
**A forma como o esporte paraolímpico é abordado pela**  
**imprensa**

Newton de Miranda Palma  
2052589/4

Brasília, Outubro de 2008

Newton de Miranda Palma

## **Jornalismo e deficiência**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof . Severino Francisco

Brasília, Outubro de 2008

Newton de Miranda Palma

## **Jornalismo e deficiência**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

### **Banca Examinadora**

---

Prof. Severino Francisco  
Orientador

---

Prof. Fernando Braga  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Ellis Regina de Araújo da Silva  
Examinadora

Brasília, Outubro de 2008

## **Dedicatória**

Dedico aos atletas paraolímpicos que despertaram o interesse em realizar esse trabalho e mudaram a minha visão em relação às pessoas com deficiência

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe que sempre me incentivou. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, principalmente nesses quatro anos de curso, ela nunca deixou de apoiar. Ao meu pai, irmãos e familiares que estiveram ao meu lado sempre cobrando e querendo ver o meu melhor.

Aos professores e funcionários do UniCeub que se tornaram parceiros ao longo da faculdade. Aos colegas que viraram grandes amigos dispostos ajudar independente da situação.

## RESUMO

Apesar de a Constituição brasileira garantir que todos são iguais perante a lei, existe ainda uma visível discriminação com alguns segmentos da sociedade em diversos espaços da vida pública, sendo uma delas as pessoas com deficiência. Este estudo, por sua vez, é baseado na análise da forma como essas pessoas são abordadas pela imprensa no âmbito esportivo. O período escolhido foi o da realização das Paraolimpíadas de Pequim 2008, pelo fato de ser um dos poucos eventos a despertar interesse dos jornalistas dedicados a área esportiva. O objetivo é evitar que equívocos encontrados pela pesquisa se repitam. A proposta do estudo é que a sociedade e a mídia, com o grande papel que exerce, se esforcem na tentativa de mudar o pensamento relacionado ao esporte paraolímpico. Sendo assim, o trabalho demonstra a importância dos comunicadores de se adequarem às transformações que acontecem no meio paraolímpico, como por exemplo, a terminologia utilizada ou dando valor também não apenas aos eventos específicos, mas procurando diversificar os caminhos da pauta. Vale ressaltar que com os dados obtidos pela monografia, no momento em que os veículos se referem aos atletas paraolímpicos pelos resultados, pela eficiência, o que fica registrado é o sentimento de igualdade.

**Palavras-chave:** esporte paraolímpico, pessoas com deficiência, paraolimpíadas, jornalismo esportivo

# Sumário

1	Introdução .....	<a href="#">8</a>
1.1	Antecedentes .....	<a href="#">8</a>
1.2	Problematização .....	<a href="#">9</a>
1.3	Justificativa .....	<a href="#">10</a>
1.4	Objetivos .....	<a href="#">11</a>
1.4.1	Objetivo geral .....	<a href="#">11</a>
1.4.2	Objetivos específicos .....	<a href="#">12</a>
1.5	Hipótese .....	<a href="#">12</a>
1.6	Abordagem teórico-metodológica .....	<a href="#">12</a>
1.6.1	Procedimentos metodológicos .....	<a href="#">13</a>
2	Esporte Paraolímpico .....	<a href="#">14</a>
2.1	Surgimento .....	<a href="#">14</a>
2.2	Chegada ao Brasil .....	<a href="#">15</a>
2.3	Esporte paraolímpico nos dias de hoje .....	<a href="#">16</a>
3	Esporte, sociedade, jornalismo e deficiência .....	<a href="#">19</a>
3.1	Conceito e origem .....	<a href="#">19</a>
3.2	Esporte, sociedade e mídia no Brasil .....	<a href="#">19</a>
3.3	Os interesses da mídia esportiva .....	<a href="#">21</a>
3.4	Mídia e as pessoas com deficiência .....	<a href="#">23</a>
4	Análise .....	<a href="#">25</a>
4.1	Espaço .....	<a href="#">25</a>
4.2	Imagens .....	<a href="#">27</a>
4.3	Matérias .....	<a href="#">29</a>
4.4	Termos .....	<a href="#">33</a>
5	Conclusão .....	<a href="#">37</a>
	Referências .....	<a href="#">40</a>
	Anexos .....	<a href="#">41</a>

# 1 Introdução

## 1.1 Antecedentes

O primeiro fator que influenciou na escolha do estudo foi o contato com a área esportiva, pelo fato de sempre gostar de acompanhar o trabalho da imprensa no ramo dos esportes. Retratar as emoções de uma partida de futebol ou de competições olímpicas por meio das palavras, sejam escritas ou faladas, exige sensibilidade dos jornalistas. O que levou a optar pela profissão.

A pesquisa, então, foi delimitada à cobertura jornalística esportiva, mas fazendo análise comparativa da abordagem dos atletas paraolímpicos. Ao acompanhar e vivenciar o esporte paraolímpico, quase que diariamente durante um ano e seis meses, foi possível observar que os atletas não recebem o mesmo tratamento que os atletas olímpicos por parte da imprensa.

No período em questão, o trabalho com vários esportistas com deficiência foi capaz de mudar a percepção do desporto para as pessoas com deficiência, ao passar a analisá-los também como atletas profissionais que competem em busca de resultados. Muitos não estão ali simplesmente para servir de exemplo de superação, eles têm rotina árdua de treinamentos e se dedicam exclusivamente ao esporte para se tornarem campeões e ídolos para a sociedade.

A escolha em analisar as reportagens dos veículos de comunicação *Correio Braziliense* e *Folha de S.Paulo* foi motivada pela razão de como assessor de imprensa de alguns atletas paraolímpicos, inclusive de Brasília e São Paulo, onde fica a sede de cada um dos diários, ter contato por diversas vezes com as redações dos dois jornais para informar sobre os feitos dos esportistas. Por sua vez, foi possível perceber disparidade editorial entre os meios, sendo o *Correio Braziliense* o mais receptivo em relação ao assunto.

Mesmo assim, apesar de trabalhar com dois dos principais nomes do esporte paraolímpico nacional, o nadador Clodoaldo Silva e a velocista Adria Santos, medalhistas e recordistas mundiais, por vários momentos encontra-se resistência das mídias em pesquisa, em divulgar os feitos dos atletas. Além da assessoria dos atletas

paraolímpicos, também era responsável pela divulgação das conquistas de dois atletas olímpicos. No entanto, apesar dos resultados serem, algumas vezes, menos expressivos, a receptividade por parte da imprensa sempre foi melhor, o que despertou o interesse em realizar o estudo.

As percepções que tive ao longo desse tempo que trabalhei na assessoria dos atletas paraolímpicos e os questionamentos que ouvi por parte dos próprios esportistas despertaram a curiosidade de descobrir o que realmente acontece dentro das redações. Para saber se os atletas com deficiência ainda não têm as marcas reconhecidas perante aos meios de imprensa, justamente por se tratarem de pessoas com deficiência.

## **1.2 Problematização**

O acompanhamento do esporte paraolímpico por parte dos veículos de comunicação não é muito comum. As pessoas com deficiência, tradicionalmente discriminadas pela sociedade e desmotivadas pela própria condição existencial, têm nas competições esportivas oportunidades de elevar a auto-estima e demonstrar para o restante da população o valor como atleta e cidadão. Mas o que se pode perceber é que nem sempre isso acontece.

Em muitos casos, os atletas paraolímpicos ostentam resultados de grande relevância e nem por isso são alvos de reportagem das editorias de esporte. Da mesma maneira que os atletas olímpicos têm espaço garantido nos veículos de comunicação quando conseguem atingir marcas expressivas, os esportistas com deficiência também deveriam merecer a atenção da imprensa para registrar os feitos nas páginas dos jornais.

Por meio de uma notícia veiculada em um meio de comunicação, mesmo aqueles que não pretendem ser atletas profissionais, podem se sentir inspirados e encorajados a tomar outras perspectivas na vida. Ao ler matérias relacionadas ao esporte paraolímpico e descobrir que há pessoas, que apesar de condições adversas,

não desistiram e venceram no esporte, podem fazer com que cada vez mais pessoas se sintam estimuladas a superar os limites da vida. Matérias como essas, demonstram a relevância que os atletas paraolímpicos podem ter para a sociedade.

Por isso as matérias jornalísticas que retratam o esporte paraolímpico têm uma dimensão muito maior do que apenas as vitórias. Elas têm importância social que contribui para disseminação sobre como respeitar e conviver com as diferenças de cada um, sejam elas quais forem. No entanto, as reportagens não devem ser realizadas por pena ou compaixão, mas pelos devidos méritos, como forma da democratização das oportunidades entre as pessoas, seja no âmbito esportivo ou dentro da sociedade.

O trabalho, por sua vez, se propõe realizar uma Análise de Conteúdo da cobertura jornalística do esporte paraolímpico por meio de dois veículos de comunicação: *Correio Braziliense* e *Folha de S.Paulo*. O estudo deverá comparar as matérias entre os dois veículos durante a realização das Paraolimpíadas de Pequim. A proposta da pesquisa é analisar o espaço que os veículos destinam às matérias, sendo assim possível questionar a forma como o esporte paraolímpico é abordado.

O estudo também tem como objetivo descobrir se os atletas são reportados como “coitadinhos”, exemplos de superação ou pelo fato de serem considerados realmente atletas profissionais que obtiveram resultados expressivos, dignos de virarem notícia. A hipótese é que o menor espaço na mídia dos atletas paraolímpicos é reflexo da discriminação da sociedade.

### **1.3 Justificativa**

A análise sugerida interessa principalmente os veículos de comunicação e os leitores, que podem reavaliar a forma como o conteúdo destinado ao esporte paraolímpico é abordado. Isso contribuiria para o crescimento do esporte paraolímpico e a diminuição da discriminação por parte da sociedade, que poderia construir visão crítica do esporte para as pessoas com deficiência e avaliar com mais precisão a linha editorial que os meios de comunicação utilizam para retratar o paradesporto.

O estudo tem a pretensão de mudar esse pensamento em parte da imprensa esportiva como dos próprios leitores. Se o esporte paraolímpico for tratado de forma mais abrangente, menos discriminatória em determinadas ocasiões, os veículos conseguirão transmitir mais informações a respeito e, conseqüentemente, a população ficará mais informada.

A desinformação por parte dos profissionais de imprensa tem como conseqüência a desinformação dos leitores. O trabalho visa revelar os motivos que levam os jornais a deixarem de lado as matérias relacionadas ao esporte paraolímpico. O estudo tem como fator de relevância a possibilidade de questionar a posição das pessoas com deficiência na sociedade e no meio esportivo, podendo ser utilizado como instrumento de mudança da imagem de como o esporte paraolímpico é tratado pelos meios de comunicação.

## **1.4 Objetivos**

### **1.4.1 Objetivo geral**

Observar a forma como o esporte paraolímpico é abordado pelos veículos *Correio Braziliense* e *Folha de S.Paulo*, durante a cobertura das Paraolimpíadas de Pequim, para saber como os atletas com deficiência são retratados nos meios de comunicação. Se a maneira como os veículos tratam do assunto reflete apenas a questão de linha editorial ou nela está incluída a discriminação da sociedade.

### 1.4.2 Objetivos específicos

- Analisar o espaço que os veículos destinam as matérias;
- Verificar se os atletas são reportados como “coitadinhos”, exemplos de superação ou pelos méritos das conquistas.

## 1.5 Hipótese

A opção em noticiar ou não as matérias sobre esporte paraolímpico nos jornais *Correio Braziliense* e *Folha da S.Paulo* são realizadas de acordo com os questionamentos ideológicos e editoriais dos veículos. A forma como os atletas paraolímpicos são representados na mídia reflete ainda a discriminação da sociedade. Por isso os esportistas com deficiência não recebem o mesmo tratamento que os atletas olímpicos por parte da imprensa. As marcas deixam de ser reconhecidas perante os meios de imprensa justamente por se tratarem de pessoas com deficiência.

## 1.6 Abordagem teórico-metodológica

Como base para subsidiar o estudo em questão, o método adotado foi a de Análise de Conteúdo, tendo como referência o autor Laurence Bardin. A escolha se baseou no fato do autor explicar de forma simples o que é Análise de Conteúdo e também de como aplicá-la nos estudos das ciências sociais.

Análise de Conteúdo é o conjunto de instrumentos utilizados para analisar mensagens por meio de uma segunda leitura, que tenta descobrir algo além da leitura convencional. Ou seja, é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Esta técnica, apesar de implicar um trabalho exaustivo, oferece instrumentos capazes para entender o caso em questão. Tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a análise de conteúdo. É preciso delimitar as unidades de codificação, ou as de registro. Por isso, o aspecto exato bem delimitado do corte, tranqüiliza a consciência do analista.

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores. Tal como detetive, o analista trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Dois tipos de documentos podem ser submetidos a análise: os documentos naturais, produzidos espontaneamente na realidade, e documentos suscitados pelas necessidades de estudo.

No entanto, qualquer análise de conteúdo visa, não o estudo da língua ou da linguagem, mas a determinação mais ou menos parcial do que se chama de as condições de produção dos textos, que são o objeto.

### **1.6.1 Procedimentos metodológicos**

O estudo tem como método a pesquisa documental, durante os Jogos Paraolímpicos de Pequim 2008, para realizar a Análise de Conteúdo dos veículos de comunicação, que deverá revelar a forma como os atletas paraolímpicos são retratados. O trabalho também terá uma dimensão pró-cidadania. Para isso contará com uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de representação social do esporte e sociedade, que irá mostrar se a forma como o esporte paraolímpico é abordado é reflexo da discriminação social.

## 2 Esporte Paraolímpico

### 2.1 Surgimento

O esporte paraolímpico surgiu como forma de tratamento na reabilitação para as pessoas com deficiência. Segundo o site do Comitê Paraolímpico Internacional (IPC em inglês), há relatos de que nos séculos XVIII e XIX já eram utilizadas as atividades esportivas como meio de dar oportunidades de reintegração na sociedade dos deficientes, conquistando assim mais independência na locomoção. No entanto, somente após a Primeira Guerra Mundial é que o esporte paraolímpico realmente começou a se estruturar como meio de competição e não mais apenas como processo de reabilitação.

Apesar de associações esportivas para pessoas com deficiência auditiva já existirem desde 1888, em Berlim, na Alemanha, inclusive com a organização dos Jogos Olímpicos para Surdos em 1922, a história do paradesporto é reconhecido oficialmente pelo IPC a partir de 1948, com a realização dos Jogos de Stoke Mandeville. O responsável foi o neurologista Ludwing Guttmann que criou em 1944, na Inglaterra, o Centro Nacional de Lesionados Medulares no Hospital Stoke Mandeville. O local era destinado ao tratamento e recuperação de ex-combatentes do exército inglês, mulheres e civis feridos na Segunda Guerra Mundial.

Em 28 de julho de 1948, no dia da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, o próprio doutor Guttmann organizou em Stoke Mandeville a primeira competição esportiva para pessoas com deficiência. O evento teve a participação de 16 atletas com problemas físicos decorrentes da Segunda Guerra Mundial e que disputaram provas em cadeiras de rodas. Para o Comitê Paraolímpico Internacional, o fato de o idealizador coincidir a data com a das Olimpíadas na Inglaterra foi uma demonstração da intenção de que um dia existisse também uma competição de alto nível para os paraolímpicos.

Os procedimentos de Guttmann passaram a ser adotados por médicos de outros países, que começaram a utilizar o esporte como parte essencial da reabilitação médica e social dos pacientes. Tanto que em 1952 foi fundado o Comitê Internacional de Stoke Mandeville e realizado os Jogos Internacionais com a participação de competidores da Holanda, também formados por um grupo de ex-combatentes de guerra.

Em 1960, o Centro de Lesionados Medulares na Itália sugeriu que a competição fosse realizada em Roma, após o término dos Jogos Olímpicos e nas mesmas instalações. Denominado de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência, a primeira edição do que somente em 1984 passaria a ser chamado de Jogos Paraolímpicos, teve a participação de 400 atletas, de 23 países, todos cadeirantes. A competição contou com o apoio das autoridades italianas e teve a presença de 5 mil espectadores na festa de abertura.

## **2.2 Chegada ao Brasil**

No Brasil, de acordo com o site do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), os primeiros registros de prática do esporte paraolímpico datam do ano de 1958. O cadeirante Robson de Almeida Sampaio, juntamente com Aldo Miccolis, fundaram, no Rio de Janeiro, o Clube do Otimismo, primeira associação destinada ao esporte para as pessoas com deficiência. Em 28 de julho do mesmo ano, em homenagem aos dez anos de Stoke Mandeville, foi criado por Sérgio Seraphin Del Grande, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo.

Os criadores trouxeram a idéia de introduzir o esporte paraolímpico no país após tratarem as deficiências no exterior e terem contato com práticas de reabilitação aplicadas em hospitais dos Estados Unidos, principalmente no caso das pessoas em cadeiras de rodas, que adotavam o basquete como meio de socialização. O método foi se difundindo pelo Brasil e outras associações regionais foram criadas.

Em 1969, o Brasil participou da primeira competição internacional, os II Jogos Parapanamericanos, ocorridos em Buenos Aires, na Argentina. O objetivo da delegação

foi conhecer outras modalidades existentes para possibilitar aos esportistas brasileiros a integração com os paraolímpicos do resto do continente. Em Paraolimpíadas o Brasil foi representado pela primeira vez no ano de 1972, na Alemanha.

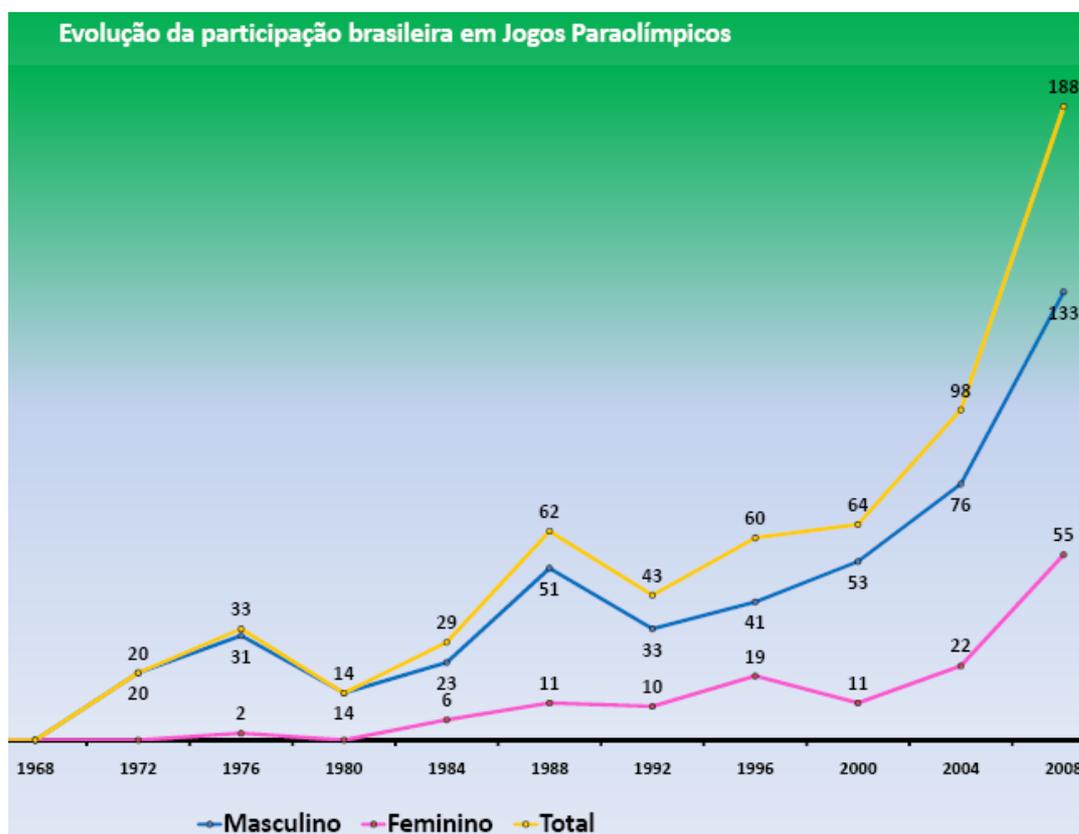
Três anos depois, na Cidade do México, o amadorismo do esporte paraolímpico ainda era evidente. Por falta de comunicação, duas delegações, uma do Rio de Janeiro e outra de São Paulo, viajaram até o México para disputar os Jogos Parapanamericanos como se cada uma representasse o Brasil. A existência de dois “brasis” na competição provocou constrangimento. A partir daí foi criada a Associação Nacional de Desporto de Excepcionais, atual Associação Nacional de Desporto de Deficientes (Ande), para unificar o esporte paraolímpico no país. Atualmente, a entidade que rege o paradesporto brasileiro é o CPB, criado em 1995.

## **2.3 Esporte Paraolímpico nos dias de hoje**

O resultado do Brasil nos Jogos Paraolímpicos de Pequim de 2008 não é nenhuma surpresa para quem acompanha a evolução do paradesporto nacional. A delegação brasileira conquistou 47 medalhas – 16 ouros, 14 pratas e 17 bronzes –, terminando na nona colocação no quadro geral, a melhor em todas as edições paraolímpicas. Em relação às Paraolimpíadas de Atenas, em 2004, o país subiu cinco posições.

Na análise feita pelo jornalista José Cruz, subeditor do caderno de esportes do *Correio Braziliense*, “Mistérios paraolímpicos” (*Correio Braziliense*, 17/9/2008, pag. 40), o patrocínio da Caixa Econômica Federal, que investiu R\$ 19, 4 milhões entre 2004 e 2008, e as seletivas realizadas pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), permitiram que o país levasse a China os melhores competidores, principalmente nas modalidades individuais, como a natação e o atletismo. Além disso, o jornalista aponta outros R\$ 47 milhões repassados aos cofres paraolímpicos, oriundos da Lei Agnelo Piva, como fundamental para ajudar no desenvolvimento de circuitos nacionais.

Porém, Cruz acredita que a quantidade de conquistas não é sinal de que ocorreu uma expressiva repartição entre os detentores das conquistas. Dos 188 atletas que representaram o Brasil em Pequim, somente dois nadadores, Daniel Dias e André Brasil, foram os responsáveis por 14 medalhas, sendo oito de ouro – metade do que toda a delegação brasileira conseguiu. No atletismo, o cenário se repete. Das quatro medalhas douradas na China, três vieram do corredor Lucas Prado.



Assim como entre os olímpicos, o jornalista destaca em “Investimentos e resultados” (Correio Braziliense, 10/9/2008, pag. 38) que a falta de estrutura também interfere em alguns esportes coletivos paraolímpicos. Cruz cita o exemplo do basquete em cadeira de rodas que sofre com o uso de cadeiras antigas, com tecnologia inferior ao dos adversários, o que compromete o desempenho dos atletas em competições de alto nível.

Para o jornalista, o surgimento de novos competidores no esporte paraolímpico também esbarra em problemas conhecidos da sociedade. A estrutura precária de grande parte das escolas públicas, sem adaptação para as pessoas com deficiência, ainda é um grande obstáculo na vida dessas pessoas. Segundo Cruz, se nem as mínimas condições para que os deficientes possam tentar uma vida igualitária são respeitadas, como esperar que isso aconteça justamente na prática desportiva? O subeditor coloca que dessa forma, sem incentivo na base, os atletas permanecerão a ser revelados por obras do acaso.

Uma certeza destacada por ele é que talentos nunca vão deixar de existir. Mas se persistir a ausência de políticas públicas, o olimpismo e o paraolimpismo brasileiro estão fadados a continuarem na dependência de estrelas, que assim como quando surgem são capazes de iluminar os que estão ao seu redor, quando se apagam levam consigo todo brilho. Para reverter esse quadro, Cruz acredita que é preciso que o governo adote medidas que contemplem o esporte na formação integral da educação dos jovens. Assim, os competidores de alto rendimento passarão a ser decorrência do que é aplicado nas instituições de ensino do país e não mais uma exceção.

No entanto, o jornalista diz que surpreende nos dias de hoje no esporte paraolímpico nacional, por trás do resultado nas Paraolimpíadas de Pequim, é:

[...] conflito de autoridade no Comitê Paraolímpico Brasileiro, cujo presidente, Vital Severino Neto, enfrenta rigorosa e judicial oposição há mais de quatro anos. Em decorrência desse processo, uma das entidades pioneiras do paraolimpismo, a Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (Abradecar) desapareceu, e outra, a Confederação Brasileira de Desportos para Cegos (CBDC), está mergulhada em crise financeira, com dívida de mais de R\$ 2 milhões. (Correio Braziliense, 17/9/2008, pag. 40).

Por fim, Cruz afirma que assim como no olimpismo, onde dirigentes que se mantêm no cargo por mais tempo são alvos de investigação e suspeitas de irregularidades, as autoridades paraolímpicas também têm lá os seus mistérios. “Nesse ponto, podem ser tratados como iguais” (Correio Braziliense, 17/09/2008, pag. 40).

## **3 Esporte, sociedade, jornalismo e deficiência**

### **3.1 Conceito e origem do esporte**

Estudos registram que a existência da prática esportiva há pelo menos mais quatro mil anos. Juntamente com a evolução da espécie humana, o esporte também progrediu, sofrendo algumas alterações de conceitos e nas formas como é praticado. O esporte moderno, só aparece então a partir do século XIX, quando passa a ter uma preocupação maior na área educacional.

Hoje em dia, segundo o dicionário Houaiss (2001), o esporte é definido como atividade física regular, com fins de recreação e/ou de manutenção do condicionamento corporal e da saúde, e a prática individual ou em grupo de exercício físico ou jogo para o divertimento ou lazer. Ou seja, o esporte pode ser praticado simplesmente pelo valor do exercício, tendo em vista uma melhora do estado físico e espiritual do ser humano, ou também como forma de competição, em busca de resultados e da perfeição.

### **3.2 Esporte, sociedade e mídia no Brasil**

No Brasil, o relacionamento entre mídia e esporte só começou na década de 1930, no Rio de Janeiro, quando surge no país o primeiro jornal dedicado unicamente à prática esportiva. Além do pioneirismo, o *Jornal dos Sports*, criado pelo jornalista Mário Filho, pode ser destacado também por outro fator: o de reportar o esporte de uma forma diferenciada ao retratar, além de resultados e conquistas, a vertente social. Para se ter uma idéia, o diário abordou, por exemplo, questões como o racismo no futebol daquela época.

No entanto, nos dias atuais, é raro encontrar veículos dedicados a esse tipo de cobertura, apesar de ainda ser possível encontrar formas de discriminações no âmbito da prática esportiva, seja na forma como é representada pelos meios de comunicações ou até pelo próprio olhar da sociedade. De acordo com Manoel José Gomes Tubino, em *Dimensões sociais do esporte*, para agravar a situação, “é essencial relatar que o esporte não tinha a importância social que possui hoje” (p. 11).

Desse modo, segundo Tubino, o esporte hoje é visto como direito de todos, sendo assim passa a merecer novas abordagens por parte dos veículos de comunicação para que sua dimensão social seja realmente atendida e entendida. Por outro lado, o aspecto humano continua a ser deixado para trás, enquanto o mais adequado para a mídia é retratar de forma mais esclarecedora possível para que a população consiga, por meios das informações transmitidas, formar uma consciência sobre o fato e, assim, ter um pensamento crítico relacionado ao assunto.

O autor demonstra que a representação diária do esporte pela mídia, aliados aos surgimentos de novas práticas esportivas e o aumento de participantes, evidenciam o interesse da sociedade por este fenômeno, que pode ser considerado um dos mais importantes do mundo.

Dessa forma, a imprensa esportiva só vai realmente exercer a função social ao reportar as matérias não simplesmente pela conquista, mas também quando relatar os outros benefícios que o esporte aborda, conseguindo transmitir a sensação de resgate do bem social até mesmo das pessoas que muitas vezes estão colocadas fora da sociedade, como as pessoas com deficiência.

Como diz Jorge Duarte, no livro *Comunicação: discursos, práticas e tendências*, somos sempre influenciados pelo jornalismo. Então, caso a mídia esportiva passe a informar mais sobre o lado social, com certeza isso influenciaria também o ser humano, o que poderia, conseqüentemente diminuir os preconceitos sociais.

É semelhante a argumentação que Márcia Coelho Flausino defende na obra de Duarte, ao abordar as representações sociais e a construção simbólica. Para a autora, “fica claro que as notícias exigem um tratamento diferenciado pelos seus múltiplos valores de significação (...) e por participar ativamente da produção simbólica do leitor” (p. 115). Segundo Flausino, a verdade é que “a notícia produzida e divulgada pelos

*mídia* deixa o leitor de olhos abertos para uma determinada representação da sua sociedade, do seu mundo” (p. 115).

### **3.3 Os interesses da mídia esportiva**

O esporte, segundo Tubino, pode ser meio de socialização, que favorece pela atividade coletiva o desenvolvimento da consciência comunitária, ora exercendo a identificação ou representando simbolicamente a nação. “Existem, inclusive, aquelas pessoas que, ao referir-se à relação social do esporte, chegam até a sugerir que é possível construir uma sociedade mais humana por meio do esporte” (p. 57).

Mas a verdade é que na medida em que aumenta o poder da mídia como fator decisivo na difusão do esporte, a imprensa, em grande parte, deixa o lado social de fora e passa a representar apenas o esporte de rendimento como um show. Tubino argumenta que:

Uma das maiores influências da mídia sobre a prática esportiva é o fato da TV, principalmente, recair somente sobre alguns tipos de esporte, de acordo com os seus interesses comerciais. Este fato tem provocado maior incidência da prática nestas modalidades esportivas mais contempladas e ao mesmo tempo uma redução gradativa nos esportes que não sensibilizaram a mídia (p.85).

De acordo com o autor, a verdade é que o esporte, analisado dentro do campo profundamente humano e social, pode propiciar a todos os participantes, sejam eles ativos ou simplesmente passivos, oportunidades únicas para a convivência humana. Por isso, o jornalista deve se concentrar também nesses outros aspectos e não apenas nos interesses dos grandes meios de comunicação. Apesar de ser possível perceber que essa não é uma realidade fácil de ser atingida, pelo fato de que para se sustentar é preciso muitas vezes abdicar de alguns ideais.

No entanto, a questão a ser debatida não é a que o jornalismo esportivo precise parar de representar o espetáculo de uma Copa do Mundo ou de uma Olimpíada, que atrai a atenção de milhões de aficionados pelo esporte e também movimenta milhões em dinheiro, mas o que é necessário salientar é que muitas vezes devido a essa necessidade, acaba se esquecendo dos outros temas incluídos na prática esportiva, que também são ricas em informações e que podem acrescentar muito no aspecto social da vida humana.

Segundo o jornalista esportivo Paulo Vinícius Coelho, autor do livro *Jornalismo esportivo*, não existe jornalista de um único esporte. Na verdade, o que deve existir é “aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral” (p. 37), não se importando se é sobre futebol, basquete, vôlei e etc. O jornalista deve reproduzir a matéria que for de interesse público.

De acordo com Coelho, muitos jornalistas não querem trabalhar com esportes que implicam, em seu entender, menos visibilidade. No entanto, o autor diz que é possível aos poucos tomar gosto dos outros esportes e perceber que pode ser mais interessante do que passar, por exemplo, anos atrás unicamente de notícias de futebol.

Isso quer dizer que, se os meios de comunicação derem mais possibilidades e visibilidade ao esporte paraolímpico, o repórter com certeza encontrará também personagens interessantes para produzir matérias de qualidade, o que agradará a todos.

No entanto, segundo Mario L. Erbolato, em *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, capacitação e edição de jornal diário*, cada veículo tem a sua política editorial. Sendo assim, quando o autor fala da escolha da notícia, fica evidente que cada órgão tem as suas diretrizes, que pode ser:

[...] dar mais destaque ao crime, ou ao esporte, ou à política, ou à agricultura. Há assuntos que para determinados matutinos chegam quase a constituir *tabus*, isto é, não chegam a ser publicados de maneira alguma (p. 63 - 64)

### 3.4 Mídia e as pessoas com deficiência

Estatísticas da Organização das Nações Unidas (ONU) revelam que existem cerca de 500 milhões de pessoas com deficiência no mundo. No Brasil, de acordo com o Censo 2000, feito pelo IBGE, 14,5% da população – aproximadamente 24,5 milhões de pessoas – possuem algum tipo de deficiência. Levando-se em consideração que o problema não influencia apenas na vida da pessoa, mas também a de familiares e amigos, pode-se depreender que o assunto demanda interesse de uma parcela considerável da população brasileira.

No entanto, o livro *Mídia e deficiência*, produzido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), em 2003, relata que “os profissionais de jornalismo sofrem com a ausência de um processo consistente de capacitação para a cobertura da pauta com deficiência” (p. 6-7), seja na área esportiva, educacional, infantil, familiar, profissional ou de novas tecnologias.

De acordo com o livro, que avaliou 1.192 matérias veiculadas ao longo de 2002, a lacuna na abordagem desse tema tem origem desde o currículo defasado da grande maioria das faculdades de comunicação até a falta de interesse das empresas jornalísticas. O livro afirma que ambos os fatores influenciam na forma de aumentar a exclusão que já existe em relação ao tratamento com as pessoas com deficiência.

Outro problema apontado pelo livro é que quando surgem na mídia reportagens relacionadas ao assunto, a grande maioria é fruto do esforço individual de um jornalista e não da linha editorial do veículo. O livro afirma que os profissionais de comunicação no Brasil ainda têm muitas dúvidas sobre como abordar os temas ligados à deficiência em suas matérias e, por isso, acabam evitando levar o assunto a público para a discussão na sociedade.

*Mídia e deficiência* sugere a necessidade do maior envolvimento de jornalistas com a causa, em nível nacional, para que a agenda das pessoas com deficiência não fique de fora da mídia, à margem da população, dando o valor e reconhecendo a urgência de tratar sobre esse assunto e, conseqüentemente, ter uma mídia mais inclusiva.

Segundo o livro, antigamente a forma mais comum de ver as pessoas com deficiência representadas pela mídia era por meio da imagem de coitadinhas, merecedoras de piedade e de ajuda material. No entanto, o estudo revela que os meios de comunicação, assim como a sociedade, evoluíram nesse ponto. Apesar de ainda ser considerado um fato recente na imprensa, é possível encontrar matérias que abordam a deficiência com outro foco.

Se em meados do século passado o caminho era pelo enfoque da vitimização, levando em conta o lado triste, impotente, inútil da vida das pessoas, reforçando o estigma e estereótipo de uma sociedade preconceituosa, hoje em dia, mesmo ainda não sendo o ideal, pode-se dizer que a mídia está mais preparada e preocupada em entender o que acontece com as pessoas com deficiência.

Hoje temos um novo desafio: ao invés de provar que somos 10%, precisamos convencer a sociedade de que somos uma parte insubstituível dos 100%. Isso pode parecer pura retórica, mas representa uma mudança radical na abordagem do movimento das pessoas com deficiência. Agora que começamos a alcançar reconhecimento como um grupo dentre os muitos grupos excluídos que estão à margem da sociedade, é chegado o momento de nos misturarmos de novo com todos os demais e fazermos parte. Queremos ser identificados entre os 100%, misturados às demais crianças, aos demais idosos, àqueles que são muito altos ou muito gordos, aos negros, aos índios, aos estrangeiros, aos pobres, aos diferentes – a todas as distintas partes do mesmo corpo, da mesma sociedade. (p.32)

## 4 Análise

O período escolhido para fazer a análise das matérias sobre o esporte paraolímpico dos jornais *Correio Braziliense* e *Folha de S. Paulo* foi durante a realização das Paraolimpíadas de Pequim. A competição começou oficialmente no dia 6 de setembro e teve a cerimônia de encerramento no dia 17 de setembro de 2008. No entanto, pelo fato do fuso horário, a pesquisa se estendeu até o dia 18 para poder avaliar as notícias em relação a festa que marcou o fim das disputas na China.

Dos veículos, foram analisadas apenas as chamadas das capas e matérias nos cadernos de esportes relacionadas ao esporte paraolímpico. O objetivo do estudo era observar a forma como os atletas eram retratados (relevância pelos resultados), se foram utilizados termos depreciativos e se abordagem estava em sintonia com os direitos humanos. Também foi levada em consideração a importância destacada pelos veículos para cada matéria e a utilização de outros recursos além da notícia, como fotos, gráficos e análises.

### 4.1 Espaço

Durante a cobertura dos Jogos, dos 13 dias analisados, o caderno de esportes do *Correio Braziliense*, que geralmente possui oito páginas, destinou em quatro oportunidades uma página inteira do jornal para tratar das Paraolimpíadas. Em duas ocasiões, a competição mereceu destaque na capa do veículo, com direito a foto em ambos os casos. Além disso, o *Correio* trouxe em dois momentos a análise dos acontecimentos, feito pelo jornalista José Cruz, um dos subeditores do caderno. No entanto, em apenas uma oportunidade a notícia apareceu como chamada na capa da editoria.

Já na *Folha de S. Paulo*, que em média no período estudado dedicou seis páginas diárias para a cobertura esportiva, não teve em nenhuma oportunidade uma

página inteira dedicada aos Jogos Paraolímpicos. Por sua vez, as matérias mereceram por quatro vezes chamadas na capa do caderno de esportes e também foram noticiadas, assim como no *Correio*, em dois casos na primeira página do jornal. A diferença é que os veículos destacaram em dias diferentes.

Na edição do dia 8 de setembro, o veículo de Brasília escreveu: “Nas Paraolimpíadas, Daniel repete Cielo e leva ouro no Cubo D’Água”, em um comparativo entre o feito do nadador paraolímpico Daniel Dias com o do nadador César Cielo, único brasileiro a subir ao lugar mais alto do pódio nas provas da natação olímpica. O outro momento em que a notícia da Paraolimpíada aparece na capa do *Correio Braziliense* foi quando o atleta de Brasília conquistou a medalha de bronze na prova do hipismo: “Show paraolímpico – Brasil já tem 17 medalhas em Pequim. O brasileiro Joca ganhou bronze no adestramento individual” (*Correio Braziliense*, 10/9/2008, pag. 1). A relevância do destaque fica por conta do enfoque local dado a conquista.

A *Folha*, porém, só colocou o assunto na capa do veículo nos dois últimos dias analisados: “Com 15 ouros, Brasil atinge seu melhor desempenho em Paraolimpíadas” (*Folha de S. Paulo*, 17/9/2008, pag. 1) e “Com sua melhor participação, Brasil fica em nono lugar na Paraolimpíada” (*Folha de S. Paulo*, 18/9/2008, pag. 1). Ou seja, o jornal aguardou a definição da competição e, de acordo com a expressiva marca obtida pelos atletas brasileiros, destacou em primeira página.

Vale também ressaltar alguns aspectos da cobertura da *Folha de S. Paulo*. O veículo não se preocupou em apenas reportar os fatos relevantes aos resultados dos competidores do Brasil. Ao longo da competição, o estudo constatou matérias sobre atletas de outras nações, em alguns casos dando até mais importância do que para os brasileiros, como os sul-africanos Oscar Pistorius e Natalie du Toit, além de notícias sobre casos de doping e curiosidades. “Vovô – Aos 60 anos, japonês leva medalha de bronze” (*Folha de S. Paulo*, 15/9/2008, pag D6).

Outro artifício escolhido apenas pela *Folha* foi a da foto legenda e infográfico. Em quatro casos, o jornal se utilizou desses métodos para noticiar o ocorrido nas Paraolimpíadas. Fica evidente, que mesmo sem os dois veículos terem enviados nenhum profissional para acompanhar a competição no local, a *Folha de S. Paulo* teve uma preocupação maior em retratar a dimensão e as complexidades dos Jogos

Paraolímpicos. Enquanto isso, o *Correio* se deteve em explorar o desempenho da delegação brasileira que estava em Pequim.

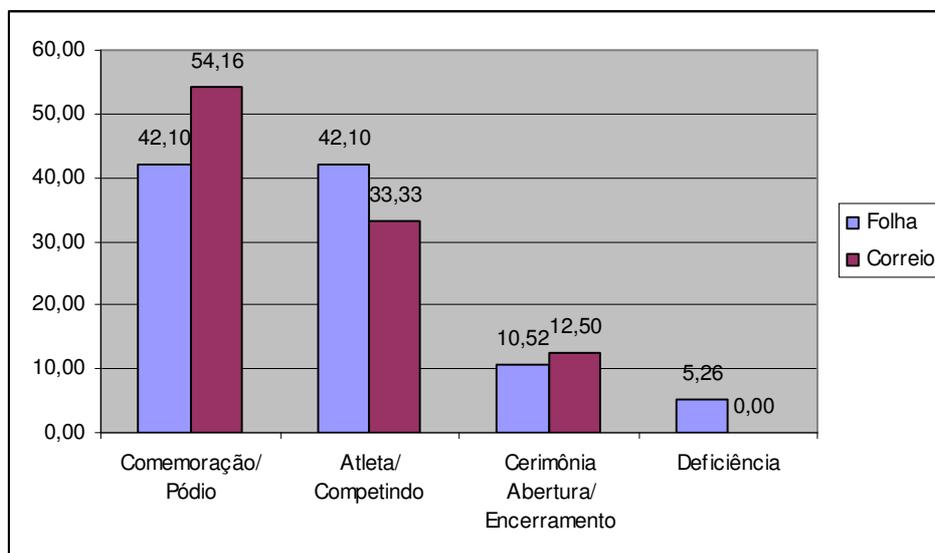
## 4.2 Imagens

No comparativo entre as fotografias utilizadas, pode-se perceber por meio da pesquisa, que o *Correio Braziliense* se preocupou mais em retratar os atletas paraolímpicos nos momentos de comemoração ou no pódio. Das 24 fotos estampadas nas páginas do jornal no período em questão, 13 (54,16%) eram relativas às celebrações dos competidores brasileiros, ora aparecendo sozinhos nas piscinas, pistas de atletismo ou montados no cavalo, ora em companhia dos guias ou vibrando ao lado dos outros medalhistas da prova.

Somente em dois momentos o *Correio* utilizou fotos sem ser dos brasileiros – na cerimônia de abertura e de encerramento. Já a *Folha* em algumas ocasiões preferiu ilustrar fatos relacionados aos atletas das outras delegações presentes na competição. Além disso, o *Correio* não teve uma preocupação em mostrar a deficiência dos atletas por meio das fotografias. Analisando apenas as fotos, na grande parte não é possível descobrir qual seria limitação da pessoa. Em alguns casos, como o do corredor Lucas Prado, que é deficiente visual, e do nadador Daniel Dias, que tem má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, fica mais claro de se perceber.

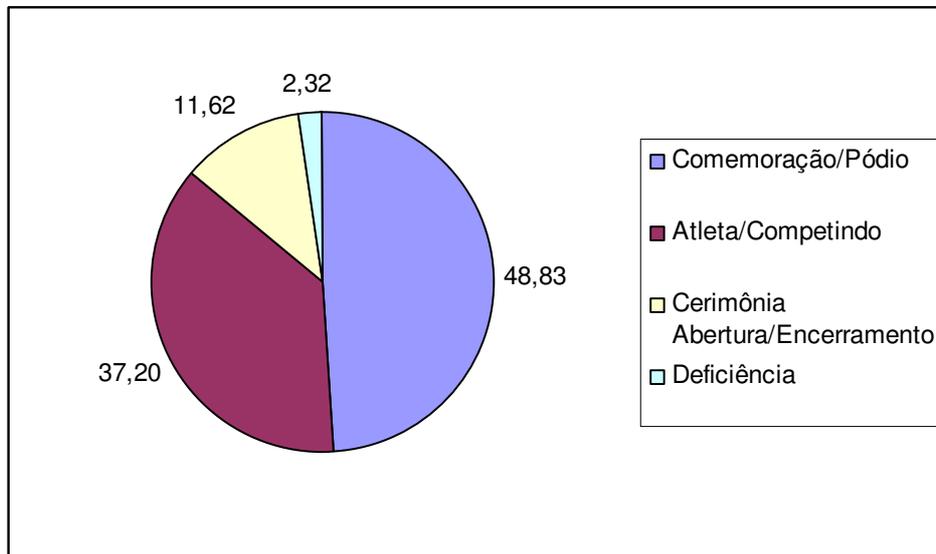
Em relação a cobertura fotográfica, a *Folha de S. Paulo* apresentou o mesmo número de fotos com foco nas pessoas comemorando (individualmente ou no pódio) ou nos atletas competindo – 42,1% para cada caso. No entanto, ao focar nas imagens dos esportistas durante as provas, o veículo buscou sempre retratar também algo em que o leitor pudesse identificar qual era a deficiência em questão. A *Folha* trouxe fotos de cadeirantes em provas de atletismo, de velocista amputado correndo com as próteses e de saltador em distância com a venda nos olhos.

Percentual do foco das imagens por veículo



A *Folha* foi o único veículo a apresentar uma foto direcionada exclusivamente a deficiência de uma pessoa (2,32% do total). Na chamada da capa de esportes do dia 6 de setembro, aparece a fotografia de um atleta em bloco de partida das provas de natação, mostrando a perna amputada. A legenda para a foto, por sua vez, dizia: “Paraolimpíada – Afogado em burocracia, evento começa hoje em Pequim” (Folha de S. Paulo, 6/9/2008, pag D1). Ou seja, a deficiência do atleta foi explorada para ilustrar o início da competição paraolímpica.

Percentual do foco das imagens do total



A legenda é outro fato que merece destaque. No caso do *Correio Braziliense*, a descrição busca exaltar a marca obtida pelo atleta, valorizando o sentimento de conquista para o Brasil, com fala dos competidores comemorando o feito e agradecendo o apoio para chegar ao resultado. “Lucas Prado (E), que chegou três vezes ao lugar mais alto do pódio: ‘Tenho orgulho de ser brasileiro (...)’” (*Correio Braziliense*, 17/9/2008, pag 46).

Em poucas oportunidades, a legenda foi utilizada para explicar a deficiência do esportista. É o que acontece na edição do dia 14 de setembro do *Correio Braziliense*, quando a foto da nadadora Verônica Almeida, que conquistou a medalha de bronze, tinha na legenda o resultado abordado, mas também foi colocado que ela tem uma doença rara com expectativa de vida de dois a seis anos.

### 4.3 Matérias

A abordagem das matérias, apesar de serem na grande maioria pelo mesmo motivo nos veículos analisados – o resultado obtido pelos esportistas nos Jogos Paraolímpicos (63,04%), acontece com enfoques diferentes. A todo momento, a *Folha*,

mesmo ao dar a notícia pela medalha conquistada, procura explicar ao leitor a deficiência dos atletas, como surgiu, conta detalhes da vida e carreira dos competidores, além de relatar como é feita a classificação e separação entre as diversas categorias nas Paraolimpíadas.

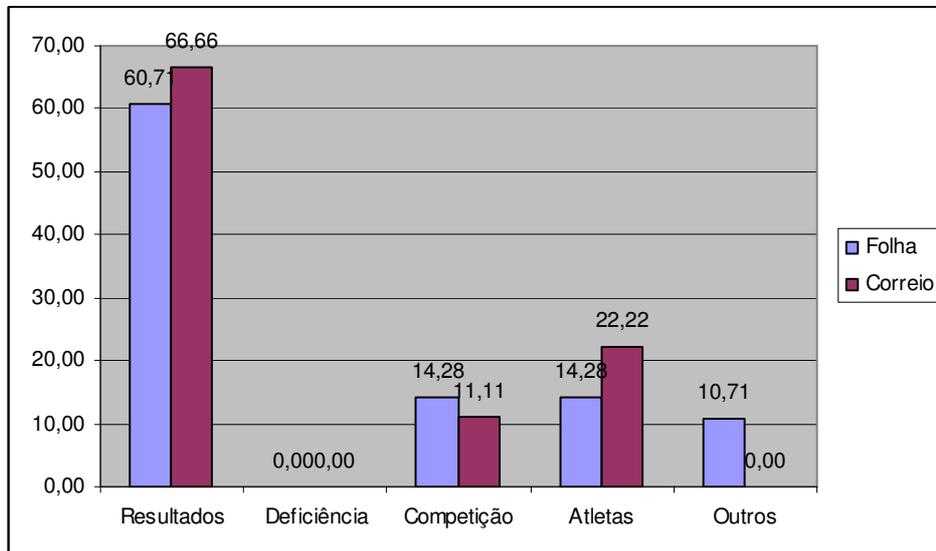
O *Correio*, apesar de tratar em 66,66% dos casos de matérias com o foco na performance do atleta, em poucas ocasiões se deu o trabalho de descrever a deficiência da pessoa. Em grande parte das matérias, cita apenas a denominação do Comitê Paraolímpico Internacional para as classes. Dentro da matéria “Campanha brilhante”, do dia 17 setembro, o *Correio* utiliza apenas T11 (deficientes visuais) para denominar a categoria do corredor Lucas Prado:

O destaque brasileiro ontem foi Lucas Prado, que somou a terceira medalha de ouro, em três provas disputadas. Depois de ganhar os 100m e os 200m nos dias anteriores, ele foi o mais rápido também nos 400ms da classe T11 (deficientes visuais), ao fazer o tempo de 50s27 na final. (Correio Braziliense, 17/9/2008, p. 40)

Entretanto, a *Folha de S. Paulo*, em notícia publicada no mesmo dia “Brasil faz melhor Paraolimpíada”, além de utilizar essa denominação, informa que a doença foi por causa de um deslocamento de retina há cinco anos, quando ficou com 10% da visão e, conseqüentemente, parou de enxergar por completo em 2006.

Principal nome do país no atletismo nesta Paraolimpíada, Lucas Prado ganhou seu terceiro ouro ao completar os 400 m em 50s27. O recordista mundial, o angolano Jose Armando, chegou 17 centésimos depois. "Estou exausto, com dor nas pernas, mas o gosto da medalha compensa tudo isso. Eu consegui as medalhas que eu prometi", disse Prado, 23, que já havia vencido os 100 m e os 200 m. O brasileiro, que corre com o guia Justino Barbosa, teve deslocamento de retina há cinco anos, quando ficou com somente 10% da visão. Em 2006, perdeu o resquício visual. "Agora quero descansar. Para mim, é tudo alegria agora", afirmou Prado. "Toda a delegação do Brasil está de parabéns. Conseguimos superar o número de ouros de Atenas." (Folha de S. Paulo, 17/9/2008, p. D4)

Percentual por foco da matéria em cada veículo



O jornal também é o único a trazer notícias relacionadas a outros motivos (6,52% do total), como os bastidores. No dia 10 de setembro, a *Folha* publicou uma nota “Sem verba – Paraolímpicos ficam sem bônus”, dizendo que os atletas paraolímpicos não teriam premiação especial em caso de conquistas, pois o Comitê Paraolímpico Brasileiro não teve patrocínio e o dinheiro disponível era insuficiente, diferentemente do que ocorreu nas Paraolimpíadas de Atenas, em 2004.

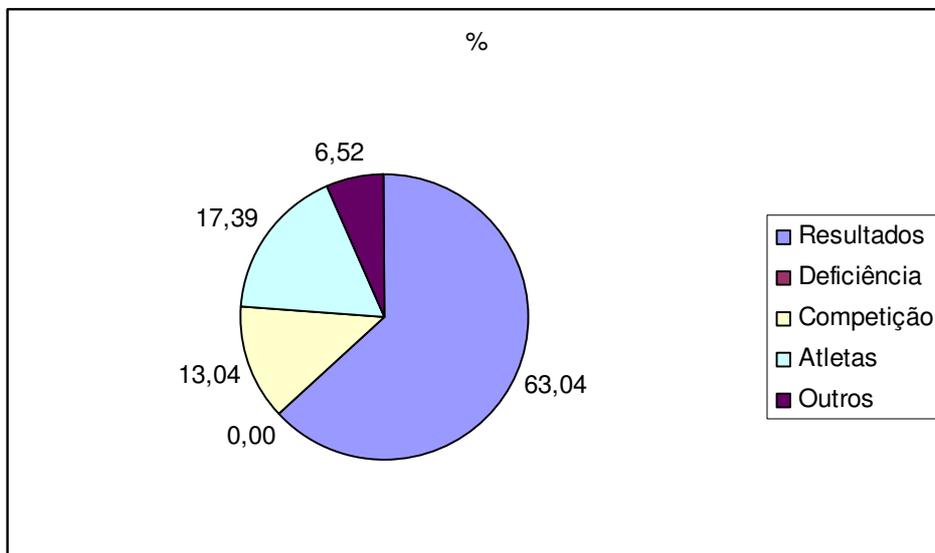
Comitê Paraolímpico Brasileiro afirmou que não dará prêmios por medalhas conquistadas em Pequim. Segundo a entidade, “não apareceu nenhum patrocinador disposto a financiar o referido prêmio”. O CPB também diz que não teve toda a verba necessária para a preparação dos competidores. (Folha de S. Paulo, 10/9/2008, p. D5)

Não foi encontrada pelo estudo nenhuma matéria com caráter de ‘coitadinho’ relacionado aos atletas. Em alguns momentos (17,39%), por conta das próprias histórias de vida, o foco das matérias eram os próprios esportistas, tratados como exemplo de superação ou heróis. Isso fica evidenciado claramente na matéria “Bronze

da superação”, do dia 14 de setembro, do *Correio Braziliense*. O texto aborda a primeira medalha para a natação feminina do Brasil nos Jogos, conquistada pela nadadora Verônica Almeida:

Verônica Almeida garantiu a primeira medalha para a natação feminina nos Jogos Paraolímpicos de Pequim ao ficar com o bronze nos 50m borboleta, na classe S7, na madrugada de ontem. Portadora da síndrome de Ellos Danos, doença degenerativa e incurável, a amazonense de 33 anos surpreendeu com o feito no Cubo d'Água. Ela completou a prova em 38s49, baixando muito o tempo da etapa classificatória, quando cravou 40s19. “Isso é a vontade de vencer, e mais ainda, a vontade de viver. A medalha é uma homenagem à minha vida”, comemorou. (*Correio Braziliense*, 14/9/2008, p. 43)

Percentual por foco da matéria do total



Mas após citar o resultado, deixa de lado o feito e passa a tratar da doença da atleta – uma síndrome rara que traz danos progressivos e irreversíveis ao movimento do corpo. Descreve também que ela entrou na natação com processo de reabilitação e

que depois da competição em Pequim, a nadadora vai se submeter a um tratamento pioneiro na França. Na matéria, tem uma declaração da atleta que vale ressaltar: “Medalha com gosto de superação, é a minha vida”.

As matérias do *Correio Brasiliense* também abordam os atletas com enfoque regional, fato não constatado no outro jornal em análise. Para exemplificação, citaremos as reportagens do *Correio Braziliense* – “Candangos na China”, publicada no dia 6 de setembro; “Bronze Candango”, do dia 10; “Shirlene em Pequim”, que saiu no dia 11; e a matéria do dia 18, “Os nossos heróis”. As notícias retratam a campanha dos atletas de Brasília, com uma visão mais local dos competidores, trazendo mais detalhes da carreira, dificuldades e opinião dos treinadores.

Por fim, fica como exemplo que as matérias relacionadas ao esporte paraolímpico têm grande papel relevância ao transmitir ao público informações a respeito das pessoas com deficiência, capazes de transformar a vida de quem está na notícia e de quem recebe, é a reportagem sobre o nadador André Brasil. A matéria “Brasileiro é quem mais sobe ao pódio”, do dia 16 de setembro, da *Folha de S. Paulo*, cita que até o ano de 2004, ele competia com atletas sem deficiência.

No entanto, descobriu que poderia participar de uma Paraolimpíada ao assistir a transmissão dos Jogos de Atenas por um canal de televisão. André tem hipertrofia muscular e viu pessoas com pessoas com deficiência similares competindo na Grécia. Após passar pelas avaliações e procedimentos necessários, o atleta ingressou no paradesporto e hoje, quatro anos depois, é um dos principais nomes da natação paraolímpica mundial e depende das notícias veiculadas pela grande mídia para ir atrás de patrocínios que financiem a sua carreira de atleta paraolímpico profissional.

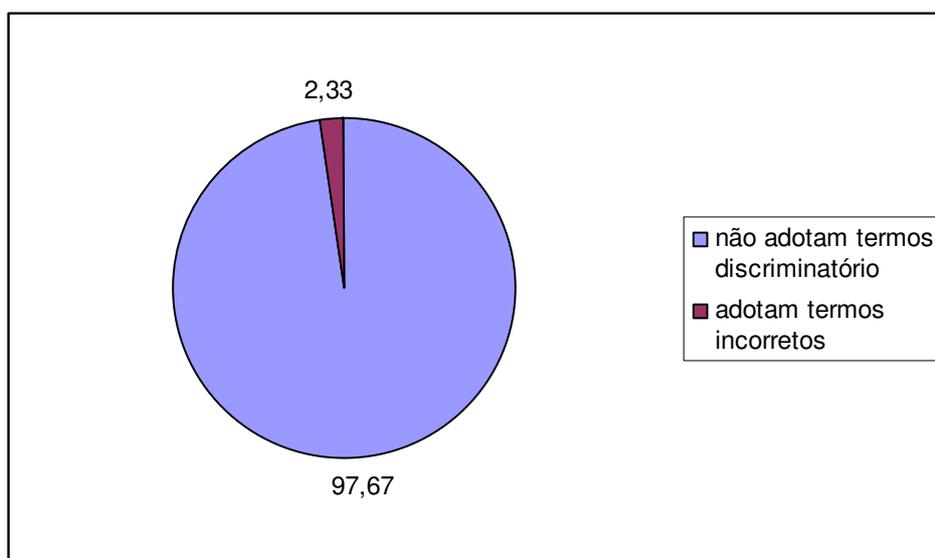
A natação brasileira teve outro multimedalista em Pequim. André Brasil competia com atletas sem deficiência quando assistiu à Paraolimpíada de Atenas- 2004. Com hipertrofia muscular na perna esquerda (seqüela de poliomielite), Brasil viu atletas com deficiências similares à sua competindo na Grécia. Ontem, ele encerrou sua primeira participação em uma Paraolimpíada com o ouro nos 400 m livre e o recorde da competição: 4min05s84 (Folha de S. Paulo, 16/9/2008, p. D5)

## 4.4 Termos

De acordo com o livro *Mídia e Deficiência*, “a construção de uma verdadeira sociedade inclusiva passa também pelo cuidado com a linguagem” (pag 160). Por meio dela, pode-se expressar, de forma voluntária ou involuntária, “o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências” (pag 160).

A análise em si dos dados obtidos pelo estudo poderia direcionar a conclusão de que a mídia não demonstra preconceito em relação aos atletas paraolímpicos. Nos dados oferecidos pela pesquisa, em que os termos designados para chamar as pessoas com deficiência era o foco, em 97,67% dos textos publicados não adotam terminologia que identifique de forma evidente discriminação, como manco, pernetta, doente mental, defeituoso ou surdinho.

Percentual de termos com foco na discriminação



Pelo contrário, pode se notar uma grande preocupação por parte do *Correio Braziliense* e da *Folha de S. Paulo* de enfatizá-los sem nenhuma referência a deficiência física e de aproximá-los ao sentimento de pertencimento a nação brasileira. Em 56,39% dos casos, os atletas paraolímpicos foram citados apenas como atletas, brasileiro (e suas flexões no feminino e plural) ou em relação a modalidade esportiva praticada (dentre elas nadador, corredor, judoca, velocista).

No entanto, segundo o constatado pela análise, mesmo assim ainda não é possível dizer que os veículos de comunicação tratam os atletas paraolímpicos sem discriminação. De acordo com o livro *Mídia e Deficiência*, não existe na mídia brasileira uma discussão sobre as questões que envolvem o preconceito quando tratamos do assunto deficiência, sendo que isso reflete sempre de algum jeito na dimensão da linguagem utilizada. “A exceção a essa regra está concentrada nas matérias que tratam da superação de um preconceito específico. Só que nesses casos os jornalistas tendem a transformar as pessoas com deficiência em inquestionáveis heróis” (p. 40).

Ao utilizar algumas palavras inadequadas, os jornais estão refletindo algo que ainda está em discussão na sociedade. Os jornalistas utilizam como referência as instituições que lidam com a deficiência ou apenas o senso comum para adotar determinados termos. Conforme o exemplo citado no livro, ao contrário do que ocorre no setor de economia usualmente coberto pela imprensa, no campo das pessoas com deficiência não há um consenso em relação a utilização de alguns termos sequer entre os especialistas da área.

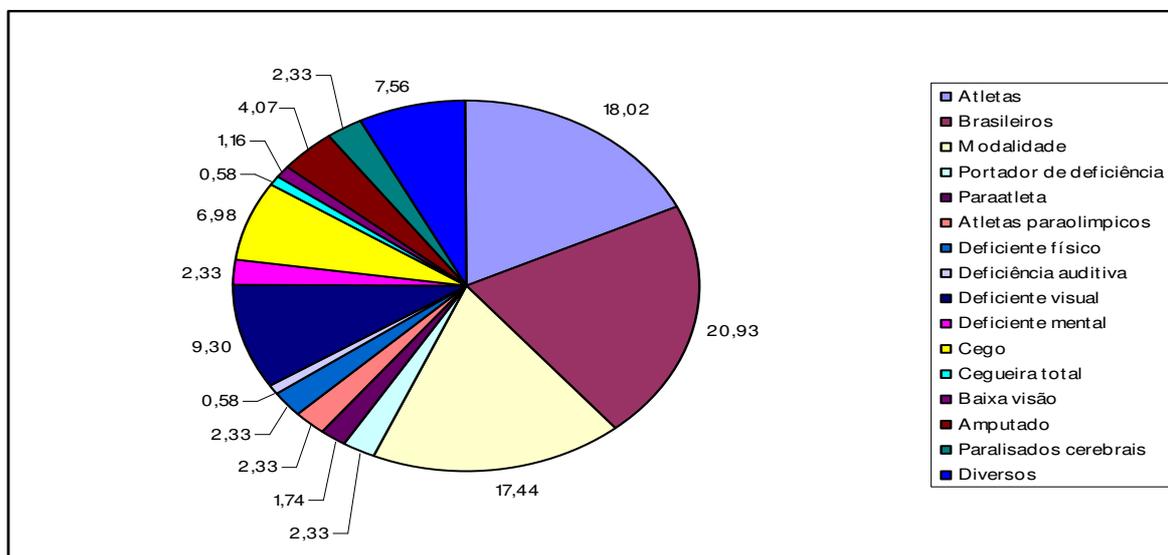
Porém, há que se ressaltar que isso não isenta os jornais da necessidade de analisarem qual é a forma mais correta de utilizar as palavras no momento de tratar de uma pessoa com deficiência. Isso pode ocorrer por meio de pesquisas no campo dos direitos humanos ou até nas opiniões das próprias pessoas que estão sendo abordadas.

Essa preocupação, por exemplo, evitaria a utilização de um termo inapropriado utilizado pelo *Correio Braziliense* durante a cobertura das Paraolimpíadas. Por quatro oportunidades, o veículo adotou o termo “portador de deficiência” para falar sobre um atleta paraolímpico: “Cerimônia colorida marca o início dos Jogos para 4 mil atletas portadores de deficiência em Pequim. Competidores de 148 países disputam 472

medalhas de ouro” (Correio Braziliense, 7/9/2008, p. 44). Em *Manual de redação e estilo*, adotado nas redações dos veículos do Grupo Associados, a autora Dad Squarisi aconselha a se utilizar a palavra portador de deficiência em vez de deficiente físico ou deficiente mental. No entanto, de acordo com o livro *Mídia e Deficiência*, o correto é pessoa com deficiência:

No Brasil, tornou-se bastante popular, acentuadamente entre 1986 e 1996, o uso do termo *portador de deficiência* (e suas flexões no feminino e no plural). Pessoas com deficiência vêm ponderando que elas não portam deficiência; que a deficiência que elas têm não é como coisas que às vezes portamos e às vezes não portamos (por exemplo, um documento de identidade, um guarda-chuva). O termo preferido passou a ser *pessoa com deficiência* (p. 164-165)

Percentual de termos utilizados para denominar os atletas paraolímpicos



## 5 Conclusão

Sem ter em mãos uma análise anterior, que abrangesse completamente todas as reportagens relacionadas ao assunto escolhido pelo pesquisador e que fosse capaz de realizar um estudo comparativo com os resultados observados na pesquisa, a impressão é de que os atletas paraolímpicos estão aos poucos ganhando espaço dentro da mídia esportiva, chegando até o ponto de merecer destaque em chamadas nas primeiras páginas de dois dos principais veículos de comunicação do Brasil.

Ou seja, pode-se concluir que quando ocorrem grandes competições, como é o caso das Paraolimpíadas, e com resultados expressivos, o que ocorreu com os brasileiros, os jornais encontram espaços para retratar o esporte paraolímpico, apesar de ainda ser evidente a discrepância em números de matérias em relação ao que acontece, por exemplo, com os Jogos Olímpicos. No entanto, percebe-se que o principal enfoque dado pelos veículos é semelhante ao abordado nas Olimpíadas, a performance dos competidores.

Outro dado interessante, que ocorre claramente por se tratar de uma competição internacional, é o forte sentimento de nacionalismo presente nas matérias, sem ficar lembrando a cada momento que se tratam de pessoas com deficiência. Isso induz a forma de igualdade entre os atletas olímpicos e paraolímpicos, que não importa quem está competindo, mas o que interessa nessas ocasiões é representar bem as cores do país e conquistar medalhas para o Brasil.

Porém, o caso da cobertura da *Folha de S. Paulo*, que realizou uma abordagem mais voltada as questões da deficiência, pode ser interpretada de duas maneiras. A primeira é uma forma de discriminação, que visa lembrar aos leitores que são atletas paraolímpicos em uma competição ainda com mistérios em relação as formas de separar os competidores por classes e também na hora de escolher os vencedores e, conseqüentemente, desvalorizando o paradesporto. Entretanto, pode ser interpretado como simples meio de levar ao leitor o maior número de informações possíveis em relação ao assunto e o que aconteceu na vida dessas pessoas.

O *Correio Braziliense*, por sua vez, ao adotar reportagens mais relacionadas aos resultados dos brasileiros, com menos referência ao fato de se tratar de pessoas com deficiência, pode ser fruto de uma postura menos preconceituosa da própria linha editorial do veículo. Dessa forma, o estudo conclui que isso se deve ao esporte paraolímpico estar mais em evidência nos dias de hoje, e não há necessidade incessante de ficar reforçando a cada momento do que se trata a deficiência da pessoa, mas a conquista em si. O próprio fato das fotos não serem totalmente voltadas para a deficiência dos atletas reforça esse ponto.

No caso dos dois jornais fica demonstrado pelo estudo uma preocupação com os direitos humanos, ao adotar termos não pejorativos. Mas mesmo assim, foi possível perceber a utilização de termos não adequados quando tratamos das pessoas com deficiência, como o termo citado no capítulo 4.

A grande pergunta que se faz é como melhorar a cobertura do esporte paraolímpico. A preocupação dentro das redações ainda parece não ser a ideal, mesmo porque a sociedade ainda não sabe dizer o que seria uma abordagem ideal em relação ao assunto. Conforme o livro *Mídia e Deficiência* aponta, para a maior competência no trabalho desta área é preciso um esforço dos jornalistas tanto no sentido de dominar os conceitos que implicam nos aspectos sociais dessa cobertura, como o de estarem sempre atualizados nas questões da terminologia, envolvidas em um processo muito rápido de retificação e aprimoramento.

Por fim, conclui-se que os veículos não devem abordar o esporte paraolímpico meramente no sentido de se tratar de uma causa nobre, que poderá influenciar na vida milhões de pessoas. Mas sim pela questão da relevância do resultado obtido, o que lhe confere o perfil de pessoa comum, incluso na sociedade. É compreensível que ainda não seja adotado o mesmo espaço em relação ao esporte paraolímpico e olímpico. Mesmo entre os atletas sem deficiência, é difícil a concorrência com as notícias sobre o futebol, dita por muitos como a paixão nacional.

Acredito que o espaço para a cobertura de uma paraolimpíada ou parapanamericano continuará a existir com a tendência de aumentar ao decorrer das conquistas. No entanto, é preciso salientar que foras dessas competições, que só acontecem de quatro em quatro anos, os esportistas de alto rendimento se dedicam

exclusivamente aos treinamentos. Abrir um pouco o leque das pautas em relação ao que está acontecendo com esses atletas no dia a dia não irá fazer mal a ninguém. Muito pelo contrário, só tem a trazer benefícios a toda sociedade.

No entanto, não é pelo simples fato de se tratar de um atleta com deficiência praticando esporte, que os veículos deixarão de utilizar os mesmos critérios de apuração. O espírito investigativo, senso crítico e a checagem de fontes darão mais credibilidade a forma como o esporte paraolímpico é abordado.

## Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

BARROS, A.T.; DUARTE, J.A.M.; MARTINEZ, R.E. (Org.). *Comunicação: discursos, práticas e tendências*. São Paulo: Rideel; Brasília: UniCEUB, 2001.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 2006.

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões sociais do esporte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SQUARISI, Dad. *Manual de redação e estilo*. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

VEET, Vivarta (Coord.). *Mídia e deficiência*. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.

<<http://www.olimpiadas.etc.br/jogos-paraolimpicos>> Acesso: em 17 set. 2008.

COMITÊ Paraolímpico Brasileiro. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/>> Acesso: em 24 set. 2008.

INTERNATIONAL Paralympic Committee. Disponível em: <[http://www.paralympic.org/release/Main\\_Sections\\_Menu/index.html](http://www.paralympic.org/release/Main_Sections_Menu/index.html)> Acesso: em 9 out. 2008.

<<http://www.webrun.com.br/esporteadaptado/conteudo/noticias/index/id/44>> Acesso: em 16 out. 2008.

## Anexos

Anexo A

### Algumas matérias analisadas



ESPORTES

PARAOLÍMPIADAS

Brasileiros conquistam ouro no atletismo e na natação, com quebra de recordes mundiais. O lugar mais alto do pódio também veio no judô, com direito a tetracampeonato paraolímpico, e na bocha, pela primeira vez

# DIA DOURADO



Lucas Prado venceu os 100m rasos com o tempo de 1:50,9, a melhor marca do planeta na classe T11

**P**equim — O Brasil ganhou cinco medalhas de ouro ontem e avançou à quinta colocação geral nos Jogos Paraolímpicos de Pequim. Os triatletas vieram no atletismo, na natação, no judô e na bocha. Também foram conquistados três pratas e três bronzes, incluindo o do brasileiro Marcos Alves, o Joca, no adestramento individual grau Ib do hipismo.

Foram necessários apenas dois dias de competições para o atletismo brasileiro começar a brilhar. Grande nome dos 100m rasos da classe T11, Lucas Prado confirmou o favoritismo e venceu a prova. O angolano José Armando levou a prata com o tempo de 1:55,5, enquanto o francês Tereza Wakanda marcou 1:54,6 e completou o pódio.

Para aumentar o nível do seu feito, Lucas cravou 1:50,9 e ficou muito próximo de se tornar o primeiro paralisado a alcançar a casa dos 10 segundos. Mas o velocista não se dá por satisfeito. Quer melhorar também nos 200m e 400m rasos. "Ainda temos outras provas, e não posso deixar essa medalha me afetar porque vou trabalhar para trazê-la mais",

As mulheres também fizeram bonito. Terezinha Gullermina e Adria Santos fizeram respectivamente medalhas de prata e bronze nos 100m da categoria T11, atrás da chinesa Churniao Wu. Em duelo brasileiro, estiveram frente a frente a detentora do recorde mundial da prova, Terezinha, e a atleta que antes de viajar a Pequim já ostentava 12 medalhas em Paraolimpíadas no currículo, Adria.

No fim, quem levou a melhor foi Terezinha, que se tivesse permitido a melhor marca da carreira (1:25,27) teria garantido a vitória, uma vez que Wu cruzou a linha de chegada com o tempo de 1:23,1, novo recorde da competição. Ao cravar 1:24,4, a brasileira menos experiente superou com tranquilidade os 130,7 da compatriota.

**Insuperáveis**  
A exemplo do atletismo, a natação foi muito bem ontem, com duas medalhas de ouro, uma de prata e dois recordes mundiais. E é Daniel Dias quem continua comandando o time na China. Ele faturou a terceira medalha de ouro nas piscinas chinesas, anotando 2min12s32

para pulverizar o recorde mundial dos 200m livre da categoria S5.

O domínio de Dias, que já havia garantido vitórias também nos 100m livres da classe S5 e nos 50m costas da B5, foi tão grande que o atual campeão paraolímpico da prova, o espanhol Sebastian Rodriguez, cravou 2min38s488 para ficar com a prata. O britânico Anthony Stephens levou o bronze com 2min44s67.

Para aumentar a importância do feito do brasileiro, ele melhorou em mais de cinco segundos a antiga melhor marca do planeta, que ele havia assegurado no Parapan do Rio de Janeiro.

Como se não bastasse ver André Brasil conquistando sua segunda medalha de ouro, novamente com direito a recorde mundial, na prova dos 100m livre da classe S10, outro brasileiro subiu no pódio: Philippe Rodrigues, ao superar o canadense Bennett Hunt para ficar com a prata. André já havia batido a melhor marca do planeta nos 100m borboleta da mesma categoria, no dia anterior. Ontem, cravou 51s38 e melhorou o tempo que já era dele — havia anotado 52s35 no Parapan do Rio.

QUADRO DE MEDALHAS	TOTAL			
	OURO	PRATA	BRONZE	
1. China	16	21	16	53
2. Grã-Bretanha	15	11	6	32
3. Estados Unidos	10	5	10	25
4. Ucrânia	8	5	9	22
5. Brasil	8	4	5	17
6. Austrália	7	7	11	25
7. Rússia	7	3	9	19
8. Espanha	5	9	6	20
9. África do Sul	5	0	1	6
10. Alemanha	4	10	8	22

Atualizado até as 19h (horário de Brasília)

Análise da notícia

Investimentos e RESULTADOS

ROSE CRUZ  
DA EQUIPE DO CORREIO

O Brasil paraolímpico inicia com determinação os Jogos de Pequim. Nos três primeiros dias de competições, os atletas racionais já somaram 17 medalhas, sendo oito de ouro. Com essas conquistas o país ocupa um excelente quinto lugar no ranking de classificação, liderado pela China.

Nada que surpreenda, pois ao talento de nossos competidores, o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) priorizou as modalidades individuais, em vez dos esportes coletivos, que exigem número maior de competidores — triatletas e atletas — em cada delegação (vôlei, futebol, basquete etc.) na luta pelo pódio. Além disso, em termos econômicos, a propensão atleta-medalha é mais vantajosa individualmente.

Assim, ao terminarem as provas individuais o número de conquistas do Brasil deverá cair, o que influenciará na classificação final. Mesmo porque o país não disputará os torneios de arco e flecha, nemo, esgrima e judô. Porém, muitas medalhas estão reservadas aos brasileiros, principalmente no atletismo e na natação, cujos torneios terminaram

somente no dia 14. E foi justamente dessas modalidades de onde vieram as principais conquistas em Pequim, repetindo campanhas anteriores. As surpresas até agora são a bocha e o hipismo, que estão iam no pódio paraolímpico.

O resultado em Pequim reflete, também, a política de investimentos do Governo Federal no Comitê Paraolímpico. Destaque para o patrocínio da Caixa Econômica Federal, que aplicou R\$ 19,4 milhões de 2004 a 2008. Com recursos, o CPB realizou seleções altamente técnicas, o que permitiu levar os melhores competidores a Pequim. Mas ainda falta dinheiro. Para as modalidades coletivas, principalmente, como o basquete, que ainda usa casacas com tecnologia antiga, que comprometem o rendimento dos atletas.

Porém, o principal problema é a descoberta de talentos. A frágil estrutura de nossas escolas, nem sequer adaptadas aos deficientes, não permite que se possa exigir algo de melhor na prática desportiva. Com isso, os atletas são revelados aos poucos.

A certeza é de que, assim como no olimpismo, não faltam talentos nem investimentos, pois o que se tem já revela resultados. Faltam nos políacas de Estado que contemplem o esporte como instrumento indispensável à formação integral da educação dos jovens. Os competidores vêm em decorrência.

# Bronze CANDANGO

Marcos Alves, o Joca, conquistou a medalha de bronze no adestramento individual grau Ib, montando o cavalo Luthenay de Vornay, dado, ano passado, pelo cavaleiro Doda. Mas como o animal continua na Europa, Joca só conseguiu treinar com ele duas vezes, dificultando a adaptação do conjunto. "O cavalo também tem de se adaptar ao fato de ele ser cadeirante", explica Ronaldo Bittencourt, presidente da Federação Brasileira de Hipismo.

"A equipe toda ainda está se adaptando aos animais", completa Bittencourt. David Mesquita, que terminou a prova em 1ºº, Sérgio Oliva, que ficou em 8º na sua categoria, e Eliza Melarani, que ainda não competiu no individual, estão na disputa com cavalos alugados na Bélgica. Mesmo assim, o presidente da federação brasileira acredita que os quatro candangos ainda têm chances de medalha na prova de estilo livre.

O judoca Antônio Tenório mostrou por que era o favorito para conquistar



O BRASILEIRO JOCA CELEBRA NO PÓDIO A MEDALHA INÉDITA

"Dedico a medalha a todos que torceram por mim, que sempre acreditaram, me apoiaram a chegar até aqui", afirmou o primeiro tetracampeão paraolímpico do país. Fechando a participação do judô brasileiro, Deaneer Silva ganhou a prata na categoria acima de 70kg, na derrota, por ippon, para a chinesa Yangping Yuan.

A equipe brasileira de bocha fez uma estréia de luxo em paraolimpíadas. Dirceu Pinto batou o número um do mundo da categoria BC4, Yuk Wing Leung, para assegurar a medalha de ouro. Eliseu Santos faturou o bronze. Os dois se enfrentaram na semifinal. Dirceu ganhou por 9 x 2 e encanou o até então campeão paraolímpico, Leung, de Hong Kong, vencendo por 3 x 1. Eliseu subiu ao pódio após bater por 7 x 1 o espanhol José María Duque.

correiobraziliense.com.br  
Veja na internet: página de fotos

ESPORTES

PARAOLÍMPIADAS

Brasil conquista ouro no futebol de cinco e prata na maratona no último dia de competições. País encerra sua melhor participação na história dos Jogos em nono lugar na classificação geral



SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL DE CINCO VIBRA COM O BICAMPEONATO PARAOLÍMPICO. DEPOIS DE DESROTAR A CHINA, DE VIRADA, POR 2 X 1

Claro Cortés TV/Reuters

# Inesquecível

**P**equim — Depois de 11 dias de competições, com a participação de mais de 4 mil atletas de 147 países, terminaram ontem os Jogos Paraolímpicos de Pequim. E o Brasil teve a melhor performance de sua história, com a conquista de 47 medalhas (16 de ouro, 14 de prata e 17 de bronze), que o deixaram na nona posição na classificação geral.

A capital chinesa organizou os maiores paraolímpicos da história, encerrados com uma bonita festa no Estádio Ninho do Passaro. Os donos da casa, como já tinha acontecido em agosto,

nos Jogos Olímpicos, dominaram completamente o quadro de medalhas. Foram 211 conquistas (89 de ouro, 70 de prata e 52 de bronze), bem à frente da segunda colocada, a Grã-Bretanha, que foi 102 vezes ao pódio (42 de ouro, 29 de prata e 31 de bronze).

A melhor campanha brasileira até então tinha sido nos Jogos de Atenas, há quatro anos, quando foram conquistadas 35 medalhas (14 de ouro, 12 de prata e sete de bronze). Agora, em Pequim, com uma delegação de 188 atletas para a disputa de 17 modalidades, o Brasil bateu todos os recordes, tanto no total de

medalhas quanto na quantidade de títulos. A performance poderia ter sido ainda melhor. Mas o nadador Clodoaldo Silva, que tinha conquistado seis medalhas de ouro em Atenas, passou por uma polêmica reclassificação e poucos dias antes de iniciar sua participação foi obrigado a mudar de classe, competindo com atletas de menor grau de deficiência. Assim, saiu de Pequim com apenas dois pódios: prata e bronze.

Mesmo assim, o saldo foi positivo para o país. E o posto de maior medalhista, antes ocupado por Clodoaldo, passou a ser do também nadador Daniel Dias. Ele

deixou Pequim como o atleta, entre todos os participantes, que mais vezes subiu ao pódio: foram nove medalhas, sendo quatro de ouro, quatro de prata e uma de bronze.

**Despedida vitoriosa**  
No último dia de competições, ontem, o Brasil conquistou duas medalhas. No futebol de cinco, para cegos, o Brasil conquistou o bicampeonato olímpico, repetindo o feito dos Jogos de Atenas-2004. O título em Pequim veio com uma vitória de virada, por 2 x 1 sobre a China. Yangfeng Wang abriu o placar, mas Marquinhos e

Marcos Felipe fizeram os gols brasileiros. "Estou muito feliz, não só por mim, mas por toda a nação brasileira. Me concentrei bem e mudei o jeito de bater na bola. O goleiro deles estava pegando muito os chutes rasteiros, bati no alto e deu certo", explicou Marquinhos, autor do gol de pênalti, no último minuto.

Também ontem, o brasileiro Tito Sena conseguiu a medalha de prata na maratona da classe T46, para amputados ou com má formação congênita. Ele completou o percurso em 2h30min40, tendo sido superado apenas pelo mexicano Mario Santillan, que fez o tempo de 2h27min04.



O CAVALEIRO BRASILENSE JOCA GANHOU DOIS BRONZES

A CANDIDATA SHIRLENE (E) FICOU COM A MEDALHA DE PRATA NA PROVA EM QUE TRÊS ATLETAS BATERAM RECORDES MUNDIAIS EM SUAS CLASSES

O NADADOR DANIEL DIAS FOI O ATLETA QUE MAIS SUBIU AO PÓDIO EM PEQUIM. GANHOU QUATRO OUROS, ASSIM COMO ANDRÉ BRASIL

O VELOCISTA LUCAS PRADO FOI SO ALEGRIA: CONQUISTOU TRÊS MEDALHAS DOURADAS, NOS 100M, 200M E 400M

## OS NOSSOS heróis

O Brasil cumpriu as expectativas nos Jogos Paraolímpicos. O total de medalhas, de 47, foi superior às 33 conquistadas em Atenas-2004, cidade que antes havia presenciado as maiores conquistas dos paraolímpicos nacionais. Quanto à quantidade de ouros, os 16 faturados em Pequim bateram os 14 que foram trazidos há quatro anos, quando o país ficou com o 14º lugar no quadro de medalhas.

Na China, os principais sucessos do Brasil vieram nos esportes em que isso já era esperado, natação e atletismo. Entre os dois, os atletas que caíram na piscina do Cubo d'Água tiveram mais brilho, com quatro títulos tanto para Daniel Dias quanto para André Brasil, ajudando a equipe a atingir 19 pódios e

a superar os 11 garantidos na Grécia. Já nas pistas do estádio Ninho do Passaro, o desempenho foi um pouco pior na comparação com o que havia sido conquistado em Atenas (5 contra 16). Mesmo assim, os brasileiros puderam contar com nomes como o de Lucas Prado, que levou medalhas douradas nas três provas individuais das quais participou (100m, 200m e 400m rasos).

Entre as mulheres brilharam, por exemplo, a brasileira Shirlene Coelho, recordista mundial no arremesso de dardo — ganhou a prata devido às regras da prova, dividida entre três classes em que as ganhadoras do ouro e do bronze também bateram o recorde do mundo —, e Terezinha Gullhermina, ouro nos 200m rasos da classe T11, para

deficientes visuais. Antes da medalha dourada, Terezinha conquistou o bronze nos 400m T12 e uma prata nos 100m. Para superar no quadro geral países como Espanha (10º) e Japão (17º), o Brasil contou ainda com o inesperado desempenho da bocha, responsável por garantir dois ouros e um bronze com Dirceu Pinto e Eliseu Santos. No judô, destaque para o tetracampeão paraolímpico de Antônio Tereório, enquanto em modalidades que nunca haviam rendido pódios ao país os mesatenistas Luiz Al-garcir e Welder Knaf levaram a prata por equipes, enquanto o cavaleiro brasileiro Marcos Alves, o Joca, foi bronze em duas oportunidades.

QUADRO DE MEDALHAS				TOTAL
1. China	89	70	52	211
2. Grã-Bretanha	42	29	31	102
3. Estados Unidos	36	35	28	99
4. Ucrânia	24	18	32	74
5. Austrália	23	29	27	79
6. África do Sul	21	3	6	30
7. Canadá	19	10	21	50
8. Rússia	18	23	22	63
9. Brasil	16	14	17	47
10. Espanha	15	21	22	58

## ESPORTES

## PARAOLIMPÍADAS

Brasil chega a 15 ouros e bate recorde histórico, depois de já ter superado o de medalhas conquistadas. Cerimônia de encerramento dos Jogos da capital chinesa será realizada hoje, às 9h, horário de Brasília

# Campanha BRILHANTE

**P**equim — O Brasil conseguiu em Pequim sua melhor performance na história da Paraolimpíada. O recorde foi batido ontem, com a conquista de mais quatro medalhas pelos brasileiros, sendo duas de ouro, uma de prata e uma de bronze — todas no atletismo, disputado no Estádio Ninho de Pássaro.

O recorde do número total de medalhas já tinha sido batido no domingo, mas faltava superar a quantidade de ouros. Nos Jogos de Atenas, há quatro anos, quando o Brasil obteve sua melhor campanha até então, foram 33 pódios (14 de ouro, 12 de prata e sete de bronze). Agora, na capital chinesa, já são 45 conquistas: 15 de ouro, 13 de prata e 17 de bronze.

Esse recorde ainda pode aumentar. Os Jogos Paraolímpicos de Pequim terminam hoje, com a cerimônia de encerramento programada para as 9h (horário de Brasília, com transmissão do SporTV 2). Mas o último dia da competição também tem algumas disputas de medalha, sendo que o Brasil lutará pelo ouro, durante a madrugada, na final do futebol de cinco (cegos), contra a China.

O destaque brasileiro ontem foi Lucas Prado, que somou a terceira medalha de ouro, em três provas disputadas. Depois de ganhar os 100m e os 200m rix, dias anteriores, ele foi o mais rápido também nos 400ms da classe T11 (deficientes visuais), ao fazer o tempo de 58s27 na final.

"Estou exausto, com dor nas pernas, mas o gosto da medalha compensa tudo isso. Tenho orgulho de ser brasileiro. Consegui as medalhas que prometi e vim buscar", disse Lucas Prado, que competiu ao lado do guia Justino Barbosa dos Santos. "A equipe toda da delegação do Brasil está de parabéns. Mostramos que o esporte paraolímpico brasileiro está em franca evolução."

#### Duas no pódio

O outro ouro do Brasil veio com Terézinha Guilhermina, que já tinha sido prata nos 100m e bronze nos 400m. Dessa vez, ela chegou ao título paraolímpico na prova dos 200m da classe T11, ao vencer com o tempo de 25s14. O pódio a ainda teve mais uma brasileira: Jéssica Santos, que fez 28s00, superada pela chinesa Wu Chunmiao (25s40).

"Nos 100 metros não foi possível, mas agora eu a superei. Eu não

Eugene Hertz/AP



LUCAS PRADO (E), QUE CHEGOU TRÊS VEZES AO LUGAR MAIS ALTO DO PÓDIO: "TENHO ORGULHO DE SER BRASILEIRO. CONSEGUI AS MEDALHAS QUE PROMETI E VIM BUSCAR"

chequei aqui sozinha, então dedico esta medalha para todos que me deram suporte especialmente para o meu pai. Em Atenas foi de bronze, mas agora foi de ouro", vibrou a campeã paraolímpica depois da prova, uma vez que conseguiu quebrar o favoritismo de Wu.

Também no Estádio Ninho de Pássaro, o Brasil subiu ao pódio com o revezamento 4 x 100m das classes T42-46 (amputados). A equipe formada por André Luiz Oliveira, Yohansson Nascimento, Claudemir Santos e Alan Oliveira fez o tempo de 45s25 e conquistou a medalha de prata, tendo sido superada apenas pelos Estados Unidos, que bateram o recorde mundial da prova (42s76).

O dia poderia ter terminado com mais uma medalha para o Brasil, mas a Seleção de futebol de sete (paralisados cerebrais) perdeu para o Ira, por 4x0, na disputa do bronze. De qualquer maneira, a campanha em Pequim colocava os brasileiros, até ontem, na 10ª posição na classificação geral dos Jogos Paraolímpicos.

Questionado pelo canal SporTV sobre o andamento da partida, o técnico brasileiro, Fernando Rodrigues, atribuiu o resultado à eficiência dos contragolpes dos asiáticos: "O Ira é como Ucrânia e Rússia, não se pode errar. Erramos, e eles nos mataram nos contra-ataques. Mas futebol é isso mesmo e agora temos que iniciar novos projetos".

#### QUADRO DE MEDALHAS

				TOTAL
1. China	87	68	52	207
2. Reino Unido	42	29	31	102
3. Estados Unidos	36	34	28	98
4. Ucrânia	24	18	31	73
5. Austrália	22	29	27	78
6. África do Sul	21	3	5	29
7. Canadá	19	10	21	50
8. Rússia	18	23	21	62
9. Espanha	15	21	22	58
10. Brasil	15	13	17	45

Atualizado até as 18h (horário de Brasília)

## Análise da notícia

## MISTÉRIOS paraolímpicos

JOEL CORREIA  
DA EQUIPE DO CORREIO

Com 45 medalhas conquistadas, e com chances de pódio no futebol de cinco e na maratona, hoje, o Brasil paraolímpico retorna dos Jogos de Pequim com resultado positivo, que reflete uma estratégia iniciada já nos Jogos de Atenas, em

2004. Melhor, pois se posiciona entre os 10 países do mundo, ganhando quatro posições em relação à última panolimpíada.

Mas, dependendo do enfoque com que se faz a análise desse balanço, observamos que a quantidade de medalhas não reflete evolução expressiva em nomes surgidos no paraolimpismo nos últimos

quatro anos. Isso porque, dos 188 atletas que integram a delegação brasileira, apenas 22 foram ao pódio nas modalidades individuais. E, desses, apenas dois esportistas nadadores — Daniel Dias e André Brasil — se encarregaram de levantar 12 medalhas. De outra parte, deve-se reconhecer que das 15 medalhas de ouro conquistadas pelos brasileiros até ontem, apenas o judoca Antônio Tenório — tetracampeão paraolímpico — é figura carimbada, pois os demais atletas chegaram ao topo pela primeira vez, mostrando, aí sim, evolução.

A estratégia adotada pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB) para formar a equipe contou com o

patrocínio da Caixa Econômica Federal, que aplicou R\$ 19 milhões nos últimos quatro anos, no Circuito de Atletismo e Natação. Outros R\$ 47 milhões engordaram os cofres paraolímpicos, oriundos da Lei Agnelo Piva. Na prática, uma comissão técnica fez uma contínua avaliação nos atletas de melhores resultados, neles investindo para formar uma espécie de seleção permanente.

Assim, o Brasil foi a Pequim com atletas que tinham chances de finais e pódios, ao contrário do que ocorreu no olimpismo, onde a maioria viajou para "adquirir experiência", como revelaram cartolas desse segmento.

O que surpreende é que por trás

desse expressivo resultado nos Jogos de Pequim esconde-se um espetacular conflito de autoridade no Comitê Paraolímpico Brasileiro, cujo presidente, Vital Severino Neto, enfrenta rigorosa e judicial oposição há mais de quatro anos. Em decorrência desse processo, uma das entidades pioneras do paraolimpismo, a Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas (Abradecar), desapareceu, e outra, ABDC (Associação Brasileira de Desportos para Cegos), está mergulhada em séria crise financeira, com dívida de mais de R\$ 2 milhões. Enfim, assim como no olimpismo, os paraolímpicos têm lá seus mistérios. Nesse ponto, podem ser tratados como iguais.

PARAOLIMPÍADAS

Sandro Cruz/CPB



VERÔNICA GANHOU A PRIMEIRA MEDALHA PARA A NATAÇÃO FEMININA: DOENÇA RARA E EXPECTATIVA DE VIDA DE DOIS A SEIS ANOS

## Bronze da superação

Pequim — Verônica Almeida garantiu a primeira medalha para a natação feminina nos Jogos Paraolímpicos de Pequim ao ficar com o bronze nos 50m borboleta, na classe S7, na madrugada de ontem. Portadora da síndrome de Ellos Danos, doença degenerativa e incurável, a amazense de 33 anos surpreendeu com o feito no Cubo d'Água. Ela completou a prova em 38s49, batizando muito o tempo da etapa classificatória, quando cravou 40s19. "Isso é a vontade de vencer, e mais ainda, a vontade de viver. A medalha é uma homenagem à minha vida", comemorou.

Verônica tem uma doença rara que traz danos progressivos e irreversíveis aos movimentos do corpo. A previsão de vida para ela é de dois a seis anos. Mas a nadadora tem chance de reverter a situação. Após Pequim, a brasileira segue para a França, onde se submeterá a tratamento no Centro de Estudos de Doenças Coronárias e Degenerativas. Será testado na nadadora o primeiro medicamento desenvolvido para a síndrome. A esperança é

au mentar a expectativa de vida dela em 30 anos. A chinesa Min Huang quebrou o recorde mundial, dela mesma, e levou o ouro com 34s47. A norte-americana Erin Popovich foi prata, ao cravar 37s87. Com Verônica, o Brasil chega ao seu 12º pódio na natação.

"Essa medalha não estava nos meus planos, mas quando eu consegui a vaga na final eu acreditei nela. Foi uma surpresa muito grande e muita felicidade. Baixei o meu

melhor tempo em quatro segundos. Essa medalha tem gosto de superação, é a minha vida. Vou levar a minha vida para casa", desabafou.

### Ouro no atletismo

Quem também brilhou ontem na capital chinesa foi Lucas Prado. Depois de bater o recorde mundial e conquistar a medalha de ouro nos 100m da categoria T11 (cegos totais), ele fez história ao repetir a dose nos 200m. O atleta mais

rápido dos Jogos completou a prova em 22s48, batizando a marca mundial de 22s70, que era dele. Outro brasileiro na disputa, Daniel Silva terminou em quarto lugar.

"É uma grande satisfação colocar o Brasil no lugar mais alto do pódio. O grande prazer da vitória é saber que você estava bem treinado para isso", festejou Lucas. A prata foi para o angolano José Armando com 22s70. O cubano Arlan Iznaga marcou 22s79 e levou o bronze.

A oitava medalha brasileira no atletismo em Pequim veio com Terezinha Guilhermina, o bronze nos 400m da categoria T12, para atletas com deficiência visual. Sua classe original, T11, não é oferecida na competição. A velocista, acompanhada pelo guia Chocolate, terminou a prova em 57s02 e obteve sua segunda medalha — foi prata nos 100m da T11. A atleta, agora, quer o ouro nos 200m. "Estou muito feliz com o resultado. Essa é a prova que eu mais gosto, pois exige tudo de mim. Eu já tenho a prata e o bronze, agora falta o ouro", afirmou ela, admitindo que perde um pouco na T12 pelo fato de as rivais enxergarem um pouco.

A francesa Assia El Hannouni ficou com o ouro, cravando 55s06. A ucraniana Oxana Botuchuk conquistou a prata, com 55s88. As duas não precisaram de guia.

### QUADRO DE MEDALHAS



TOTAL

1. China	49	48	33	130
2. Grã-Bretanha	37	21	23	81
3. Estados Unidos	26	19	21	66
4. Ucrânia	18	12	21	51
5. Austrália	15	21	21	57
6. Rússia	15	17	14	46
7. África do Sul	15	2	5	22
8. Alemanha	12	18	17	47
9. Espanha	12	18	16	46
10. Canadá	12	7	15	34
11. Brasil	11	8	12	31

Atualizado até as 18h (horário de Brasília)

43

e  
esportes

### DESPEDIDA

Os maiores Jogos Paraolímpicos da história foram encerrados com grande festa no Ninho do Pássaro, em Pequim. Brasil bateu recordes e terminou em nono na classificação geral.

Página 50

Claro/Corbis/Reuters



Brasília, quinta-feira, 18 de setembro de 2008

CORREIO BRAZILIENSE

Editor: Paulo Rossi / paulo.rossi@correiooweb.com.br  
Subeditores: José Cruz, José Antonio Alves e Cláudia Barbosa  
esportes@correiooweb.com.br  
Tel. 3214-1174 • Fax 3214-1155

## ESPORTES

## PARAOLIMPIADAS

Pequim inicia hoje os Jogos, com a participação de 3.806 portadores de necessidades especiais. Delegação brasileira, composta por 187 atletas, estará representada no desfile de abertura, às 9h

# Raça e emoção

DA REDAÇÃO

Com a participação de 142 países, começam hoje os Jogos Paralímpicos, competição que reunirá, até o dia 17, a elite dos atletas deficientes físicos de todo o mundo. Esse evento, com abertura oficial no estádio Ninho do Pássaro, em Pequim, às 9h (de Brasília), que o Brasil terá 187 atletas disputando em 17 das 20 modalidades do programa. A SportV2 (Net e Sky) e a TV Brasil anunciam a transmissão da abertura dos Jogos, em que o comitê organizador chinês promete mais um espetáculo, repetindo os shows apresentados por ocasião das Olimpíadas, no mês passado.

Historicamente, as paraolimpíadas surgiram em 1948, na cidade inglesa de Stoke Mandeville. Um torneio internacional envolvendo atletas veteranos de guerra, com sequelas do conflito, foi o ponto de partida para a competição que se tornou oficial em 1960, em Oeta, na Itália. A partir de 1988, o evento passou a ser realizado na mesma cidade das olimpíadas. Dos Jogos de Roma aos de Pequim, a competição evoluiu em número de países, atletas e modalidades. Foram 400 participantes de 23 países, em Roma, contra 3.806 de 152 nações, hoje.

O Brasil participou da primeira paraolimpíada em 1972, em Heidelberg, na Alemanha, mas somente quatro anos depois, em Toronto, vieram as primeiras medalhas, na bocha sobre a grama. A melhor campanha foi na última competição, em Atenas-2004, quando os nossos representantes terminaram em 14º lugar entre 146 países, com 14 medalhas de ouro, 12 de prata e sete de bronze.

Dessas medalhas, só o nadador Clodoaldo Francisco da Silva ganhou sete, sendo seis de ouro — 50m, 100m e 200m livre, 50m borboleta, 150m medley e os revezamentos 4 x 50m livre — e uma de prata, no 4 x 50m medley. Com esse desempenho, Clodoaldo, de 28 anos, foi escolhido o melhor atleta paralímpico mundial de 2004. Mas, agora, sua situação mudou. Uma reclassificação funcional do Comitê Paralímpico Internacional, nesta semana, o tirou da classe S5 para a S4 — quarto maior a classe, menor deficiência do atleta. Descontente com a decisão, ele anunciou que disputará apenas os 500m costas em Pequim, prova em que tem o mais baixo desempenho. "Perdi a motivação para competir nesta Paraolimpíada. Só vou nadar os 500m costas porque preciso participar de uma prova individual para disputar o reconhecimento (4.500 mil reais e 4.500 medley). Acho que não vou passar nem da fase eliminatória".

O nadador paulista sofreu paralisia cerebral por falta de oxigênio durante o parto. Com isso, teve os movimentos das pernas afetados, provocando pequena falta de coordenação motora. A natação surgiu em sua rotina num processo de reabilitação, em 1996, quando demonstrou potencial e decidiu se profissionalizar. As disputas por medalhas, já em três modalidades — ciclismo, natação e judô —, começaram hoje, às 21h (de Brasília). A SportV2 (Net e Sky) anuncia a transmissão dos eventos.



Amy Wang/AP - 4/10

O NADADOR CLODOALDO FICOU INDIIGNADO COM A MUDANÇA DE CLASSE QUE LHE FOI IMPOSTA: "PERDI A MOTIVAÇÃO PARA COMPETIR NESTA PARAOLIMPIADA"

## MEDALHAS DO BRASIL

ANO	CIDADE	PAÍS	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL	RANKING
1972	Heidelberg	Alemanha	0	0	0	0	—
1976	Toronto	Canadá	0	1	0	1	31º
1980	Amstern	Holanda	0	0	0	0	—
1984	Nova York	ELIA	1	3	2	6	29º
1984	Stoke Mandeville	ELIA	6	14	2	22	14º
1988	Seul	Coreia do Sul	4	9	14	27	25º
1992	Barselona	Espanha	3	0	4	7	32º
1996	Atenas	ELIA	2	6	13	21	33º
2000	Sydney	Austrália	6	10	6	22	24º
2004	Atenas	Grecia	14	12	7	33	14º

## POR MODALIDADE

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Atletismo	21	35	20	76
Natação	11	16	23	50
Judô	3	2	4	9
Futebol de 7	0	1	1	2
Futebol de 5	1	0	0	1
Bocha sobre grama	0	1	0	1
TOTAL	36	55	48	139

## Tenório, o porta-bandeira

Com o prestígio de tricampeão paralímpico, o judoca paulista Antônio Tenório será o porta-bandeira da delegação brasileira, no desfile dos atletas na abertura dos Jogos Paralímpicos de Pequim. Cego total (classe B1), Tenório, da categoria a até 100kg, conquistou um feito inédito neste ano: sagrou-se campeão paulista meio-pesado no judô convencional — para atletas sem deficiência. "É um sonho que começa a se realizar quando a gente pisar aqui na China. O sonho vai ser maior ainda quando eu ouvir o meu nome sendo chamado para entrar no tatame", disse o atleta, que vai lutar na terça-feira.

## Candangos na China

Brasília teve um aumento de quase 50% no número de atletas participando das Paraolimpíadas, em relação a Atenas 2004. Em Pequim serão 10 atletas candangos, competindo em cinco modalidades: atletismo, hipismo, tênis, tênis de mesa e vôlei. O destaque é Shirlene Santos Coelho, de 27 anos, há apenas dois no atletismo. Mesmo assim, Shirlene já é a recordista mundial do lançamento de dardo. A primeira vez que alcançou a marca foi no Pan do Rio, ano passado, com 27,59m. Neste ano, na etapa do Circuito Nacional de Atletismo, em Uberlândia (MG), ela melhorou, chegando a 31m. No mesmo mês, na Tunísia, a brasileira bateu mais uma vez o próprio recorde, com 31,89m.

"Ela (Shirlene) é uma pessoa tranqüila, tem consciência do que tem de ser feito", garante o técnico da atleta, Domingos Guimarães, o professor Mingo. Com base num "bom trabalho", Mingo não acredita que a pressão influencie no desempenho de sua atleta. Além do dardo, ela competirá no arremesso de peso

e do disco. "Ela tem condições de brigar por medalhas nas três provas", prevê o treinador.

Além do atletismo, outro destaque local é Antônio Delfino. O velocista já foi três vezes medalhista paraolímpico (ouro nos 200m e nos 400m em Atenas e prata nos 200m em Sydney), mas, desta vez, seu técnico, Tadeu Monteiro, não está tão confiante em pô-lo. "O Antônio já está com a idade mais avançada para provas de velocidade", diz, sobre o atleta de 27 anos, que disputará os 100m, 200m e 400m. Para agravar, Delfino sentiu uma fadiga na parte posterior da perna logo que chegou a China. "Se ele estiver melhor no dia da prova, há alguma chance de brigar por medalhas nos 200m e 400m", diz o treinador.

Tadeu, que também treina o maratonista Moisés Vicente Neto, reclama de não poder acompanhar seus atletas. "É como preparar uma festa e na hora que ela acontece não participar", critica. "Eu convivo mais com o Delfino do que com minha família, às vezes, eu que

Parabola/Arpa/CEFOA/Press - 2/6788



SHIRLENE CHEGA A PEQUIM COMO FAVORITA PARA O OURO NO LANÇAMENTO DE DARDO

conheço o atleta por dentro e por fora e sei do que ele precisa", completa.

Mingo pensa exatamente o contrário. "O atleta tem de ser independente", justifica. "Atleta que quer representar o país tem de ser preparado para isso", argumenta Ulisses Araújo, coordenador-geral do Centro de Treinamento em Educação Física Especial (Cetele).

A maior participação dos treinadores, é aliás, um dos destaques da participação candanga na delegação brasileira. O Cetele, por exemplo, tem cinco atletas nas equipes que estão em Pequim, e dois técnicos: do tênis e do tênis de mesa. Os brasileiros Carlos Alberto dos Santos, o Jordani, na quadra, e Iranildo Conceição Espindola, na mesa, vão brigar por medalhas.

**esporte**  
FOLHA DE S. PAULO

SÁBADO, 6 DE SETEMBRO DE 2008 \* D1

Tel: 0/xx/11/3224-7944  
Fax: 0/xx/11/3224-2286  
E-mail: esporte@aol.com.br

Serviço de atendimento ao assinante:  
0800-775-8080  
Grande São Paulo: 0/xx/11/3224-3090  
Ombudsman: ombudsman@aol.com.br

Paraolimpíada  
AFOGADO EM  
BUROCRACIA,  
EVENTO COMEÇA  
HOJE EM PEQUIM

Pág. D6

Greg Baker/Associated Press



Edson Lopes Jr./Folha Imagem

**informática**  
Conheça truques  
e configurações  
para aproveitar  
melhor o **Word**  
Págs. F1, F4 e F5

**esporte**  
Com **15 ouros**,  
Brasil atinge seu  
melhor desempenho  
em Paraolimpíadas  
Pág. D4

**ilustrada**



O diretor com  
equipe do Oficina

José Celso encena disputa com Silvio Santos  
na celebração dos **50 anos do Oficina** Pág. E1

Patricia Stavis/Folha Imagem

**Ilustrada**



Sorvete de lichia com rosa

**Sorvetes floridos** ganham sabor de rosa, capuchinha, lavanda e jasmim Pág. E8

**turismo**  
Conheça leis sobre o **fumo** e onde ainda é possível acender um **cigarro**  
Págs. F2 a F9

**equilíbrio**  
Livros ajudam **crianças** a superar traumas como mortes e separação  
Pág. 6

**esporte**  
Com sua **melhor participação**, Brasil fica em 9º lugar na Paraolimpíada Pág. D4

São Paulo, quarta-feira, 10 de setembro de 2008

FOLHA DE S.PAULO **esporte**

## SEM VERBA

### PARAOLÍMPICOS FICAM SEM BÔNUS

Comitê Paraolímpico Brasileiro afirmou que não dará prêmios por medalhas conquistadas em Pequim. Segundo a entidade, "não apareceu nenhum patrocinador disposto a financiar o referido prêmio". O CPB também diz que não teve toda a verba necessária para a preparação dos competidores. Em Atenas-2004, os brasileiros receberam bônus por medalhas e recordes batidos, que seriam pagos em parcelas. Clodoaldo Silva foi quem mais ganhou -R\$ 75 mil.

São Paulo, segunda-feira, 15 de setembro de 2008 **FOLHA DE S.PAULO esporte**

## VOVÔ

### **AOS 60, JAPONÊS LEVA MEDALHA DE BRONZE**

Toshie Oi, que, com 60 anos, é o esportista mais velho desta Paraolimpíada, subiu ao pódio no lançamento de disco, categoria F53/54. É a segunda medalha olímpica obtida por Oi, que levou a prata em Atenas-2004.

São Paulo, terça-feira, 16 de setembro de 2008 **FOLHA DE S.PAULO esporte**

## **Brasileiro é quem mais sobe ao pódio**

### **Estreante em Paraolimpíadas, Daniel Dias, 20, conquista 9 medalhas, 4 de ouro, na natação em Pequim**

#### DA REPORTAGEM LOCAL

Daniel Dias dava suas primeiras braçadas em 2004 e nem sonhava em competir na Paraolimpíada de Atenas. Quatro anos depois, ele deixa o Cubo d'Água como o atleta que mais subiu ao pódio da Paraolimpíada de Pequim. Foram nove medalhas: quatro ouros, quatro pratas e um bronze.

As duas últimas medalhas de sua coleção vieram ontem, com as pratas nos 50 m livre classe S5 (33s56) e no revezamento 4 x 50 m medley 20 pontos."Essa equipe está de parabéns pela união. Isso ajuda tanto na prova individual quanto nos revezamentos e mostra o quanto a equipe está unida", disse Dias, 20, após o revezamento, última prova da natação no programa paraolímpico.

O brasileiro, que teve má formação congênita dos membros superiores e da perna direita, disputou 11 provas em Pequim e só não conseguiu medalhas em dois revezamentos. Apesar de ter conquistado mais medalhas do que qualquer um no Cubo d'Água, Dias terminou os Jogos em terceiro lugar no quadro de medalhas individual. Na frente dele estão o australiano Matthew Cowdrey (cinco ouros e três pratas) e a sul-africana Natalie du Toit (cinco ouros em cinco provas).

Apesar de amputada, Du Toit também disputou a Olimpíada - foi a 16ª colocada nos 10 km da maratona aquática. A natação brasileira teve outro multimedalista em Pequim. André Brasil competia com atletas sem deficiência quando assistiu à Paraolimpíada de Atenas- 2004. Com hipertrofia muscular na perna esquerda (seqüela de poliomielite), Brasil viu atletas com deficiências similares à sua competindo na Grécia.

Ontem, ele encerrou sua primeira participação em uma Paraolimpíada com o ouro nos 400 m livre e o recorde da competição: 4min05s84. "A avaliação que eu faço desta Paraolimpíada é ótima. Consegui melhorar meus tempos e ganhar medalhas inéditas na minha trajetória", afirmou o nadador de 24 anos, que conquistou quatro ouros e uma

prata. No último dia da natação, o Brasil ainda faturou o bronze com Edênia Garcia nos 50 m livre da classe S4, com 53s28.

O país conquistou também uma medalha inédita no tênis de mesa. Luiz Algacir e Welder Kane perderam a final por equipes para os franceses Jean Phelippe Robin e Florian Merrien por 3 partidas a 1 e terminaram com a prata. E, no Ninho de Pássaro, Yohansson Nascimento fez 11s25 nos 100 m, um centésimo mais rápido do que o chinês Zhao Xu, e ficou com o bronze na classe T46 (amputados nos membros superiores). A Paraolimpíada de Pequim distribuiu suas últimas medalhas na próxima madrugada.

São Paulo, quarta-feira, 17 de setembro de 2008 **FOLHA DE S. PAULO esporte**

## **Brasil faz melhor Paraolimpíada**

**Após superar marca de medalhas, país ostenta agora 15 ouros, um a mais do que em Atenas-2004**

**No penúltimo dia de provas, vitórias no atletismo com Terezinha Guilhermina e Lucas Prado dão recorde à delegação de 188 atletas**

DA REPORTAGEM LOCAL

No penúltimo dia dos Jogos de Pequim, o Brasil conquistou mais dois ouros e consolidou sua melhor campanha na história das Paraolimpíadas. Com 15 ouros, o país superou seu recorde de 14 da Paraolimpíada de Atenas-2004. O Brasil já havia melhorado seu desempenho em número de pódios. Na Grécia, foram 33. Na China, são pelo menos 46 - o Brasil disputaria a decisão do futebol de 5 (para deficientes visuais) contra os chineses durante a madrugada. Os resultados históricos aconteceram com uma delegação bastante inflada.

O Comitê Paraolímpico Brasileiro enviou a Pequim 188 esportistas, quase o dobro dos 98 que integraram a delegação na última Paraolimpíada. As medalhas que ratificaram a melhor campanha brasileira na competição foram conquistadas no Ninho de Pássaro. Principal nome do país no atletismo nesta Paraolimpíada, Lucas Prado ganhou seu terceiro ouro ao completar os 400 m em 50s27. O recordista mundial, o angolano Jose Armando, chegou 17 centésimos depois.

"Estou exausto, com dor nas pernas, mas o gosto da medalha compensa tudo isso. Eu consegui as medalhas que eu prometi", disse Prado, 23, que já havia vencido os 100 m e os 200 m. O brasileiro, que corre com o guia Justino Barbosa, teve deslocamento de retina há cinco anos, quando ficou com somente 10% da visão. Em 2006, perdeu o resqúcio visual. "Agora quero descansar. Para mim, é tudo alegria agora", afirmou Prado. "Toda a delegação do Brasil está de parabéns. Conseguimos superar o número de ouros de Atenas."

Atleta responsável pela introdução de Prado no atletismo, Terezinha Guilhermina

também conquistou uma medalha de ouro ontem. A atleta, que é cega, completou a prova dos 200 m ao lado do guia Jorge Luis Silva e Souza, o Chocolate, com o tempo de 25s14.

"Dedico essa medalha para a minha família. Eu não cheguei aqui sozinha. Em Atenas, foi de bronze, agora, de ouro", afirmou a corredora, que terminou os 800 m em terceiro na Grécia.

Foi a terceira medalha de Terezinha em Pequim. Ela havia sido prata nos 100 m e bronze nos 400 m, provas nas quais detém o recorde mundial. Ontem, ela teve a companhia de Jerusa Santos, que faturou o bronze com 26s09, no pódio. Já a equipe do revezamento 4 x 100 m classes T42-T46 (amputados), formada por André Luiz Oliveira, Yohansson Nascimento, Claudemir Santos e Alan Oliveira, conquistou a prata com a marca de 45s25. Além do futebol de 5, o Brasil ainda teria chances de medalha na maratona, com Alex Mendonça e Aurélio Santos na classe T12 (deficientes visuais) e Ozivan Bonfim e Tito Sena na T46 (amputados). A cerimônia de encerramento da Paraolimpíada de Pequim acontece nesta manhã, às 9h.